

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN - RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**

GILSON JOSÉ GONCHOROVSKI

**ZYGMUNT BAUMAN E A EDUCAÇÃO PARA AS NOVAS GERAÇÕES:
POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DA MODERNIDADE LÍQUIDA?**

FREDERICO WESTPHALEN, RS

2025

GILSON JOSÉ GONCHOROVSKI

**ZYGMUNT BAUMAN E A EDUCAÇÃO PARA AS NOVAS GERAÇÕES:
POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DA MODERNIDADE LÍQUIDA?**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado, Departamento de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

Orientador: Dr. Claudionei Vicente Cassol

FREDERICO WESTPHALEN, RS

2025

G623z Gonchorovski, Gilson José

Zygmunt Bauman e a Educação para as novas gerações : possibilidades de superação da modernidade líquida? / Gilson José Gonchorovski. – 2025.
78 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen, 2025.

Orientador: Dr. Claudionei Vicente Cassol.

1. Educação. 2. Modernidade líquida. 3. Zygmunt Bauman. I. Cassol, Claudionei Vicente. II. Título.

CDU 37

GILSON JOSÉ GONCHOROVSKI

**ZYGMUNT BAUMAN E A EDUCAÇÃO PARA AS NOVAS GERAÇÕES:
POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DA MODERNIDADE LÍQUIDA?**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Departamento de Ciências Humanas da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Câmpus de Frederico Westphalen – RS.

Frederico Westphalen, 26 de fevereiro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudionei Vicente Cassol (URI)
(Orientador)

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski (UFRGS)

Prof. Dr. César Riboli (URI)

RESUMO

O estudo da Modernidade Líquida está associado à compreensão das mudanças ocorridas na contemporaneidade em vários setores da sociedade, mas, principalmente, na Educação, que é uma das bases do desenvolvimento social, político e econômico. A Modernidade Líquida, conceito trabalhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, é um período que se desenvolve na segunda metade do século XX, paralelamente à Modernidade Sólida, que tem como base o Renascimento, quando ocorre a redescoberta do conhecimento clássico e a valorização do indivíduo e da subjetividade racional. Essas transformações impactaram a Arte, a Ciência e a Filosofia, promovendo a diversidade religiosa e a Revolução Científica. A presente pesquisa se desenvolve a partir de fontes bibliográficas com abordagem crítico-reflexiva e se constitui em debate consciente da contingência das conclusões. A base bibliográfica para a coleta de dados é central na presente dissertação, que tem como problema a Modernidade Líquida e seu impacto na Educação das gerações futuras, resultando na pergunta: que possibilidades de Educação teremos na sociedade do amanhã, em seguindo a onda de liquidez dos tempos que estamos compartilhando? Zygmunt Bauman é o pensador referência para as análises, que se desenvolvem de modo dialético e hermenêutico em diálogo com Paulo Freire. A Educação da Modernidade Líquida não é a mesma das gerações antecessoras; a sociedade está enfrentando um relativismo comportamental em vários setores da sociedade, da economia e da política, mas, principalmente, na Educação, que permitem compreender a Modernidade Líquida como um mar de oportunidades para o crescimento pessoal, educacional e profissional. Entretanto, há, também, um oceano de riscos e ambivalências que entram em ebulição no contexto sócio-histórico, político-econômico e pessoal com o advento da volatilidade, da fluidez, da velocidade e, ao mesmo tempo, do consumismo e das angústias geradas pela fragilidade com que a dignidade humana e a vida são tratadas no relativismo da liquidez.

Palavras-chaves: Modernidade líquida; Educação; Zygmunt Bauman; Possibilidades; Gerações futuras.

RESUMEN

El estudio de la Modernidad Líquida está asociado a la comprensión de los cambios ocurridos en la época contemporánea en diversos sectores de la sociedad, pero principalmente en la educación, que es una de las bases del desarrollo social, político y económico. La Modernidad Líquida, concepto trabajado por el sociólogo Zygmunt Bauman, es un período que se desarrolló en la segunda mitad del siglo XX, en paralelo a la Modernidad Sólida, que tiene su base en el Renacimiento, cuando se produjo el redescubrimiento del conocimiento clásico y la valorización de la individual y la subjetividad se produjo racional. Acontecimientos que impactaron el arte, la ciencia y la filosofía y promovieron la diversidad religiosa y la Revolución Científica. Esta investigación se desarrolla a partir de fuentes bibliográficas con un enfoque crítico-reflexivo y constituye un debate consciente de la contingencia de las conclusiones. La base bibliográfica para la recopilación de datos es central en esta disertación, que tiene como problema La Modernidad Líquida y su impacto en la educación de las generaciones futuras: ¿qué posibilidades educativas tendremos en la sociedad del mañana, siguiendo la ola de liquidez de los tiempos que vivimos? están compartiendo? Zygmunt Bauman es el pensador de referencia para los análisis, que se desarrollan de manera dialéctica y hermenéutica en diálogo con Paulo Freire. La educación de la Modernidad Líquida no es la misma que la de generaciones anteriores; La sociedad se enfrenta a un relativismo comportamental en diversos sectores de la sociedad, la economía y la política, pero principalmente en la educación, lo que permite entender la Modernidad Líquida como un mar de oportunidades de crecimiento personal, educativo y profesional. Sin embargo, también existe un océano de riesgos y ambivalencias que llegan a ebullición en el contexto sociohistórico, político-económico y personal con el advenimiento de la volatilidad, la fluidez, la velocidad y, al mismo tiempo, el consumismo y las ansiedades generadas por a la fragilidad con la que la dignidad humana y la vida son tratadas en el relativismo de la liquidez.

Palabras-clave: modernidad líquida; educación; Zygmunt Bauman; posibilidades; generaciones futuras.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Gênese, contextualização e justificativa da problemática	8
1.2 Delimitação da temática e objetivos	13
1.3 Procedimentos metodológicos e revisão da literatura	14
1.3.1 Revisão da literatura.....	17
2 COMPREENSÃO DA REALIDADE SEGUNDO BAUMAN E AS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO: DINAMISMO E FLUIDEZ	20
2.1 Compreensão da realidade a partir de Zygmunt Bauman e relações com o pensamento freireano	20
2.2 Ousadia epistemológica, o engajamento político e no pensar esperançoso	30
2.2.1 Dinamismo na Modernidade Líquida.....	41
2.2.2 Concepção de fluidez na Modernidade Líquida	43
3 A EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE A PARTIR DE BAUMAN	46
3.1 Modernidade Sólida e Educação: algumas concepções teóricas de base	46
3.2 Modernidade Líquida e Educação	56
4 POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES	58
4.1 Quais concepções de Educação podem permanecer?	60
4.1.1 Perspectivas Educativas-Pedagógicas que se delineiam na Modernidade Líquida	60
5 CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	71

1 INTRODUÇÃO

As obras de Zygmunt Bauman trabalham com temas sensíveis, complexos e delicados, entretanto, trazem consigo um interesse genuíno do público que tem interesse pela contemporaneidade. Temas interessantes e que, ao mesmo tempo, perturbam milhões de pessoas em todo mundo, como as mudanças institucionais que antes transmitiam confiança e solidez, hoje despertam desconfiança e fragilidade. Comportamentos como o consumismo, o individualismo, a superficialidade das relações, que se tornam efêmeras, descartáveis, com vínculos frágeis, não são mais exceções, mas algo comum e corriqueiro.

As contribuições de Zygmunt Bauman para a Modernidade Líquida são relevantes a uma melhor compreensão de nossa época, denominada de contemporaneidade para alguns. Segundo Bauman, o período atual é uma continuação da própria Modernidade, tanto isso é verdade que, diferente de outros/as autores/as, não concorda que estamos em uma pós-Modernidade, termo popularizado pelo francês Jean-François Lyotard, um dos mais importantes filósofos na discussão da pós-modernidade, embora tenha se aproximado desse entendimento na segunda fase de sua produção teórica. Bauman parece acreditar que a Modernidade Líquida é um período que se dirige à fragilização das relações humanas e das instituições sociais.

O trabalho intelectual de Bauman deu origem a obras como *Modernidade Líquida* (1999), *Medo Líquido* (2006), *Amor Líquido* (2004), *Nascidos em Tempos Líquidos* (2017), *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2010), *Sobre Educação e Juventude* (2013), *Em busca da política* (2000), *Vida para o Consumo* (2007) e *Tempos líquidos* (2007), entre outras quatro dezenas de obras. Destacamos, aqui, apenas aquelas que indicamos para suporte teórico na produção da presente dissertação.

Zygmunt Bauman reforçou o conceito de liquidez para que ficasse clara a sua crítica ao período sócio-histórico em que nos encontramos, no qual vários aspectos das instituições e da vida dos indivíduos passaram e passam por grandes transformações. A realidade, tanto concreta, quanto imaginária, do mundo físico e da linguagem, não parece ser mais sólida, confiavelmente duradoura, estável, contudo líquida, ou seja, feita, ajustada, disposta para não durar, para ser volátil e assumir formas múltiplas em cada situação.

A princípio, a sociedade, nessa pós-Modernidade, ou dito de outro modo, nesses tempos que compartilhamos (Cassol, 2020, 2022), tinha o objetivo de se desfazer das antigas amarras, grilhões e tudo mais que estivesse ligado ao período antigo, às concepções mais estruturais, sólidas, para viver a liberdade, deixar florescer e frutificar as subjetividades. Entretanto, as

novas intuições, os novos conceitos, a nova dinâmica social, política, econômica e cultural, científica e das relações, assumiram aspectos muito diferentes e tendem para a obsolescência, para não durar, para viver o movimento, a mudança. A sociedade quer a liberdade e desenvolve uma liberalização, um descontrole, uma vida fugaz, superficial, pautada pela massificação e, o que mais nos apavora e impacta, uma vida de consumo pelas regras da irracionalidade. Teríamos que suportar esse custo, quer dizer, não queríamos mais padrões, no entanto não teríamos mais direitos e, mesmo que tivéssemos a oportunidade de escolher, as escolhas ficariam infinitas e, embora decidíssemos não escolher, ficaríamos sempre com a vontade e a responsabilidade da escolha.

Os trabalhos e empregos não são mais passados dos pais para filhos, de mães para filhas; casamentos até que a morte os separe são considerados ultrapassados. As crises ou problemas das antigas sociedades, instituições e relações assumiram outras conduções, ajustes e soluções. Diferentemente, no modo como ocorre a sociedade líquida, muitas vezes, não suportamos o menor problema. Para solucionar, buscamos uma felicidade perfeita, descartamos peças que não funcionam mais e criamos uma sociedade hedonista, que procura afastar todos os problemas, inclusive aqueles que ela própria gera. A lógica, na Modernidade Líquida, é não nos incomodarmos mais. Podemos fazer uma analogia das amizades e dos relacionamentos com uma máquina: as peças podem ser trocadas, descartadas, substituídas. A vida toda trocando de emprego ou não tendo mais trabalho e salário, mudando de lugar para viver por várias situações que não são resolvidas – a realidade, a situação, o concreto, a compreensão permanece, mas a mudança alivia a tensão, por um tempo. Enfim, uma vida de buscas constantes, de novas aventuras, de novas emoções.

É natural compreendermos a liberdade, o movimento, a mudança e a possibilidade de escolha como direitos fundamentais. No entanto, como alerta Zygmunt Bauman, o problema não está propriamente no fato de sermos livres ou de que as instituições estejam em constante transformação. O desafio, na verdade, está na forma como lidamos com essa liberdade e com essas mudanças. Por isso, é essencial desenvolvermos consciência crítica sobre a realidade em que vivemos, a fim de que, enquanto seres humanos racionais, possamos evitar os efeitos colaterais que essas transformações podem trazer.

Para dialogar com Bauman, trazemos Paulo Freire, que contribui elucidando o contexto da Modernidade ligado à Educação. Freire tem um grande apelo social e educacional quando o assunto é Educação e, embora não tenha, no Brasil, o mesmo reconhecimento internacional, foi um dos educadores que mais lutou pela conscientização de educandos e educandas e, apesar de ter uma teoria e uma metodologia distinta de Zygmunt Bauman, seus textos da Pedagogia

Crítica e da Sociologia Reflexiva se complementam, aclarando um cenário social e educacional que precisa ser questionado, pensado e superado. Ambas as concepções contidas nas obras dos dois pensadores denunciam a opressão que milhares – ou, por que não, milhões – de educandos/as, no Brasil, sofrem, sem oportunidades de uma vida digna, de acesso e possibilidades de formação integral, científica e humanista.

Trazemos, nesse momento introdutório, elementos da gênese, contextualização e justificativa da pesquisa, demarcando, com divisões no texto, identificadas pelos títulos que utilizamos. Também a metodologia e o Estado do Conhecimento resultante das buscas que empreendemos nos bancos de dados. Por vezes, empregamos o foco narrativo na primeira pessoa do singular, quando a referência é específica ao autor da dissertação, como no subcapítulo que segue.

1.1 Gênese, contextualização e justificativa da problemática

O Curso de História foi uma grande realização pessoal e acadêmica na minha vida. Logo após, assinei meu primeiro contrato, em 2005, e comecei a trabalhar na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes e na Escola Estadual de Educação Básica Feliciano Jorge Alberto, ambas em Redentora, Rio Grande do Sul (RS). Ainda em 2005, cursei Especialização em Gestão e Organização da Escola, formando-me em 2006.

Na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Davi Rygjo Fernandes, escola da Reserva Indígena do Guarita, trabalhei com os indígenas Kaingang por três anos. Foi uma experiência significativa, pois tive acesso a uma cultura que não conhecia e, pela primeira vez, entrei em contato com uma comunidade indígena. Mesmo tendo recebido uma proposta de contrato da 17ª Coordenadoria Regional de Educação de Santa Rosa para atuar como docente no município de São Paulo das Missões, optei por permanecer, por mais algum tempo, na Reserva Indígena do Guarita.

Em 2007, fui nomeado no concurso do município de Coronel Bicaco - RS e, em 2009, comecei a trabalhar na Escola Estadual de Ensino Médio Cecília Meireles, localizada na mesma cidade. Passei no vestibular em Letras-Espanhol, na Universidade Federal de Santa Maria, no Polo de Três de Maio, mas devido às dificuldades em conciliar o período de trabalho nas escolas com o período de estudos e as despesas com o deslocamento, fui obrigado a desistir após ter cursado somente dois semestres. Em 2012, passei no concurso para o Magistério do Estado do Rio Grande do Sul e, em 2018, passei a cursar a segunda licenciatura, agora em Letras-Português, na qual me formei em 2020. Nesse mesmo ano, cursei uma Pós-Graduação em Educação

Especial com Ênfase em Transtornos Globais do Desenvolvimento, encerrando no final de 2020.

Em minha profissão como professor, tive a oportunidade de lecionar diversas disciplinas, como História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Língua Inglesa, Língua Espanhola, entre outras. Além disso, trabalhei com quase todas as modalidades de ensino: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos no Ensino Médio e Fundamental.

Em minha caminhada como docente, conheci diversas realidades que me enriqueceram como pessoa e como profissional da Educação. Com o tempo, percebi que algo deve ser realizado para compreender o ensino na atualidade. Em uma feliz coincidência, na aula de Sociologia, deparei-me com as ideias e os conceitos de Zygmunt Bauman e apreendi que suas teorias são interessantes para entender a realidade atual da sociedade e da Educação.

Em 2022, inscrevi-me no Programa de Mestrado em Educação (PPGEDU), da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e, para minha surpresa, meu orientador é estudioso de Zygmunt Bauman.

A minha prática como educador produz o entendimento de que não é somente na sala de aula que os efeitos da Modernidade Líquida são sentidos, mas na sociedade como um todo. A Modernidade Líquida trouxe consigo avanços, porém, também, problemas. Situo, aqui, a famosa ambivalência, quer dizer, à medida que a tecnologia, a ciência e a racionalidade avançam, mais problemas surgem. Dessa forma, fica cada dia mais difícil para os educadores/as dos tempos que compartilhamos (Cassol, 2020, 2022), ou da contemporaneidade, desenvolver seu trabalho pedagógico, crítico, reflexivo, em campo aberto de competição com os jogos eletrônicos, as redes sociais, a mídia, o incentivo ao consumo em massa, desenfreado, irracional e os apelos do mundo privado. De algum modo, esses estilos de vivência não se faziam perceber nas gerações anteriores ao advento das tecnologias digitais.

As juventudes de hoje parecem que, em sua grande maioria, possuem mais acesso às informações do que as gerações anteriores. Entretanto, esses dados não têm sentido se não forem bem utilizados e, talvez, esse seja o grande desafio da Educação a partir de agora: ensinar os/as estudantes a pensarem e usarem as informações corretamente. E o que está a se compreender por um modo mais apropriado, correto, de emprego das tecnologias digitais? Que os dados, os conhecimentos, as informações, possam ser aplicados na manutenção, na continuidade e na progressiva qualificação da existência, da vida como um todo, como ensina Enrique Dussel (2002).

Não acreditamos que as obras de Zygmunt Bauman tragam respostas para todas as angústias humanas, contudo precisamos admitir que ele trabalha em uma perspectiva

interessante para a nossa realidade. A teoria por ele proposta nos instiga a refletir acerca da coexistência entre realidades líquidas e sólidas, entre o campo das irrealidades e das possibilidades. Nesse contexto, observamos a existência de indivíduos que não realizam planejamentos para o futuro, bem como de projetos e perspectivas cuja validade, consistência ou viabilidade tornam-se incertas. Isso ocorre porque, na sociedade pautada pelo movimento e pelo consumo, as ações são frequentemente direcionadas exclusivamente ao momento presente.

Não sabemos o que o futuro nos reserva em relação à Educação, porque estamos na Modernidade Líquida. O que as próximas gerações pensarão deste período? Quais legados esta fase da história deixará? Qual ser humano surgirá deste período histórico-social? Como será a Educação? Não conseguimos, ainda, dimensionar quais angústias e valores os próximos seres humanos transportarão consigo, se serão melhores nas realizações ou se fracassarão e o que nos conectará, novamente, com nossa consciência e discernimento; o que será o certo, o errado e o que realmente nos fará felizes.

É claro que a Educação é um processo dinâmico em constante transformação e, com isso, devemos compreendê-la como algo que está ocorrendo neste exato momento, ou seja, quem sabe, no futuro, poderá ser algo muito diferente do que imaginamos. Ponderamos, nesse sentido, que é importante situarmos a problemática de pesquisa no panorama sócio-histórico que a constitui. Para isso, necessitamos entender quando surgiu a Modernidade. Nesse âmbito, é pertinente analisarmos dois eventos históricos de grande relevância que transformaram profundamente a humanidade: a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. A primeira marcou o início da produção em larga escala de mercadorias, contribuindo diretamente para a consolidação do sistema capitalista, fundamentado nas teorias liberal e, posteriormente, neoliberal. A segunda, por sua vez, rompeu com as estruturas sociais e políticas do Antigo Regime, lançando as bases do Estado moderno de caráter liberal. Ambos os fenômenos foram impulsionados pelo pensamento iluminista, que desempenhou papel central na inauguração da Modernidade, tanto em sua dimensão filosófica quanto cultural e científica.

Ao analisarmos esse período com atenção, atentamos que já se manifestava uma preocupação de caráter classista, voltada também para as direções econômica e social, expressões típicas da burguesia em formação. Esses elementos podem ser observados nos escritos de diversos pensadores e pensadoras da época, tal como em outras obras que adotamos como referência teórica em nossos estudos, entre as quais citamos: Pierre Dardot e Christian Laval, de *A nova razão do mundo* (2016); Florestan Fernandes, de *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (2009); Enrique Dussel, de *1492: o encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade: conferências de Frankfurt* (1993).

Zygmunt Bauman é um teórico que trabalha um novo conceito de sociedade desde o interior da Modernidade Líquida, na qual as relações econômicas, sociais e, especificamente, os relacionamentos humanos se tornam fluidos, fugazes, efêmeros, e as perguntas surgem: será que os relacionamentos no futuro serão da mesma forma como os estamos vivenciando? Viveremos em uma sociedade consumista para sempre? Até quando teremos condições de manter essa onda consumista de coisas e pessoas, materiais e sentidos? O amor será um emaranhado de sentimentos e emoções e transformado em mercadoria? As famílias terão a mesma composição social no futuro? Quais serão as referências sociais e familiares que as juventudes terão no futuro? Na Modernidade Líquida, as pessoas colecionarão umas às outras e, no final, se sentirão como objetos usados, havendo um vazio interior, perdendo a capacidade de afeto, compaixão, solidariedade ou qualquer sentimento que as conforte e contribua com o crescimento humano? E a Educação, que papel terá? Que perspectivas há para as relações educacionais cotidianas e escolares? Que possibilidades se encaminham para a ciência e as relações humanas?

A obra de Bauman traz questionamentos tanto para a sociedade atual como para uma futura sociedade a partir do conceito, também, de vida, de relações, de mundo líquido. A principal pergunta, quando se realizam leituras das obras de Bauman, é: se abrirmos a Caixa de Pandora, nos reconheceremos no futuro? Os seres humanos serão os mesmos? Viveremos em um mundo seguro, com instituições sociais e relações humanas líquidas? Plurais questionamentos é o que as obras de Bauman produzem, mas a (in)certeza é que o mundo jamais será como antes, porque as pessoas estão em processos de mudanças. Então, surge a grande pergunta para a presente dissertação: como os/as professores/as ensinarão as novas gerações repletas de imediatismos, movimentos, liquidez e vivendo em estruturas sociais diferentes, com valores sociais diferentes, com problemas completamente diferentes de seus antepassados?

Compreender o pensamento de Bauman é uma grande oportunidade de alargar as concepções acerca do mundo atual e, ao mesmo tempo, de realizar uma viagem de autoconhecimento. A realidade analisada por Bauman revela-se incômoda para uma parcela significativa da sociedade contemporânea, uma vez que nem sempre é possível apreciá-la, aceitá-la ou concordar com a forma como ela se apresenta. O ser humano, ao longo de sua história, tem buscado subterfúgios nas coisas mais banais, superficiais, para não encarar a realidade e as consequências de suas escolhas. Olhar nos olhos da realidade nem sempre é olhar para um rosto belo e iluminado, pode ser a visão de uma face fria, cruel e que nem sempre apresenta um sorriso que possa significar um pouco de esperança. Estamos vivendo em um mundo diferente, que nos exige adaptação, força e coragem. Um tempo em que não podemos

depende exclusivamente de motivações externas, nem nos apegar à ideia de que o passado era melhor, afinal, tratava-se de outra realidade. Como aponta Bauman, essa realidade do passado já não nos pertence. O mundo atual, com suas incertezas e transformações constantes, é o cenário que nos cabe enfrentar e compartilhar.

Com o desenvolvimento do iluminismo liberal, pensadores/as começaram a questionar o absolutismo monárquico, haja vista acreditarem que o progresso científico e o uso da razão resolveriam os problemas da sociedade e, finalmente, que a humanidade caminharia para o desenvolvimento em todos os seus aspectos. De algum modo, essa corrente produz a concepção positivista que não estudaremos neste projeto, mas se constitui em temática de relevância potente para compreender a realidade sócio-histórica, político-econômica e cultural da sociedade brasileira e mundial. Porém, em uma análise que pode encaminhar o tom de nossa pesquisa, não parece ter sido bem esse ideário que se desenvolveu porque, do mesmo modo que a ciência se desenvolve, nem sempre reflete a paz, a felicidade, o progresso e a liberdade. Os tempos se encarregam de mostrar que grande número de pessoas acabou frustrado com a ciência e o racionalismo, o progresso e a ordem que, de vários modos, foram utilizados para o mal, na compreensão que a sociedade – ainda um tanto maniqueísta – cultiva, como guerras e massacres, imperialismos, absolutismos, dogmatismos, fundamentalismos e, também, que as crenças em um futuro sem males tornaram-se utopias que se veem esvaziadas.

De Zygmunt Bauman deduzimos compreensões a partir de dois conceitos fundamentais em relação à Modernidade, ao mundo que compartilhamos: Modernidade Líquida e, seu oposto ou *alter ego*, a Modernidade Sólida. São metáforas de forte imagem e conceitualidade, utilizadas para compreender a sociedade. A Modernidade Sólida, em nossa interpretação, surge com a formação dos estados modernos e a gradativa transição de governos das monarquias absolutistas nas quais a figura do rei, do absoluto, do todo poderoso, raramente era contestada, e a grande maioria dos filósofos e pensadores da época consentiam, especialmente, com a ideia de um poder absoluto em uma sociedade patriarcal, com preceitos e dogmas eclesiásticos desprovidos de questionamentos.

Em relação à Modernidade Líquida, segundo Zygmunt Bauman, o período em que nós vivemos atualmente – que compartilhamos (Cassol, 2020, 2022) – no qual o ser humano cultiva ideias de liberdade e, ao mesmo tempo, não sabe o que fazer com ela, é um mundo dominado pelo estado neoliberal e ultraliberal marcado pelos domínios do mercado, o grande regulador da economia. Nessa Modernidade Líquida, o individualismo e a competição parecem ser o modo de vida mais comum com relações muito mais instantâneas e superficiais, influenciadas muito em função das redes sociais em que, até mesmo, o amor é contabilizado pela quantidade

de experiências do que pela sua qualidade. As pessoas não seguem mais um modelo de regulação pré-estabelecido ou acordado em consensos dialógicos e pelo consumismo que se torna uma espécie de remédio para as frustrações cotidianas.

Talvez podemos sintetizar a pergunta de pesquisa desse texto dissertativo, após exposições desta introdução, em como educaremos as próximas gerações em um mundo dominado pelas mídias, pelas redes sociais, pela cultura do consumismo e do descarte que afetam, até mesmo, os modos como as pessoas se relacionam e constroem seus vínculos afetivos?

1.2 Delimitação da temática e objetivos

Avaliamos que, a partir das discussões que desenvolvemos até o presente momento, no texto introdutório, podemos situar a delimitação da temática do seguinte modo: desafios da Educação na atualidade da Modernidade Líquida, a partir de Zygmunt Bauman e perspectivas para o futuro. É difícil não percebermos, nas obras de Bauman, um mundo em constante transformação, seja nas relações pessoais, na economia ou na política. De certa forma, esse movimento captura nossa atenção para uma realidade surpreendentemente instável, veloz, dinâmica e diferente das sociedades que precederam a Modernidade Líquida.

A partir do estudo de Zygmunt Bauman, o permanente e o provisório são presenças fortes do que pode ser fato, portanto, real, e do que pode ser imaginário no mundo. Nessa toada, colocamos como objetivo geral, diante da intencionalidade de pesquisa desenvolvida nesta dissertação: problematizar o pensamento de Zygmunt Bauman na perspectiva do ensino para as novas gerações, para compreender as possibilidades de Educação, na sociedade, que podemos não mais reconhecer.

O objetivo geral da pesquisa, definido a partir do problema – *Zygmunt Bauman e o ensino para as novas gerações: o fim da Educação como a conhecemos?* – consiste em discutir a compreensão de Zygmunt Bauman de Educação para as novas gerações e as possibilidades de superação da Modernidade Líquida. Procuramos, também, desenvolver os seguintes objetivos específicos: 1) entender a realidade concreta e imaginária segundo a concepção de Bauman, dinâmica e fluida, como novos conceitos e desafios; 2) compreender a nova Modernidade conceituada por Bauman em suas obras *Modernidade Líquida* (1999), *Amor Líquido* (2004), *Nascidos em Tempos Líquidos* (2017), *Medo Líquido* (2006), *Em busca da política* (2000), *Vida para o Consumo* (2007), *Tempos líquidos* (2007), *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2010) e *Sobre Educação e Juventude* (2013); 3) estudar a proposta

educacional pensada por Bauman nas obras *Modernidade Líquida* (1999), *Amor Líquido* (2004), *Nascidos em Tempos Líquidos* (2017), *Medo Líquido* (2006) e *Sobre educação e juventude* (2013); e 4) interpretar a condição estrutural e metodológica da Educação atual e as possibilidades que se apresentam para os próximos tempos, consideradas as compreensões analisadas nas obras *Modernidade Líquida* (1999), *Amor Líquido* (2004), *Nascidos em Tempos Líquidos* (2017), *Medo Líquido* (2006) e *Sobre educação e juventude* (2013).

Na elaboração da pesquisa, foram estabelecidos parâmetros a partir da proposta inicial para a dissertação, os quais foram desenvolvidos em duas etapas essenciais. Essas etapas tiveram como objetivo definir a metodologia adotada e realizar uma busca aprofundada acerca do estado do conhecimento na área.

1.3 Procedimentos metodológicos e revisão da literatura

A pesquisa bibliográfica é atividade fundamental nos cursos acadêmicos, especialmente no *stricto sensu*, que apresenta uma finalidade primordial de formar pesquisadores e pesquisadoras. Constitui-se como o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, na pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos monográficos não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos/as os/as alunos/as realizaram pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos/as, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas, como compreendem Marconi e Lakatos (1992).

A importância da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de buscarmos novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Isso se dá ao passo que a pesquisa bibliográfica se coloca como impulsionadora do aprendizado, do amadurecimento, levando em conta em suas dimensões, os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento, consoante Brito, Oliveira e Silva (2021).

Por ser basilar na formação educacional de qualquer indivíduo, Fontana (2018) assevera que a pesquisa bibliográfica deve se tornar cultura tanto na vida profissional de professores/as e de pesquisadores/as, quanto na de estudantes. Essa cultura se faz necessária, pois tal conjunto amplo de indivíduos possui o interesse de conhecer as mais variadas, plurais e distintas contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema. É a pesquisa bibliográfica

que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

Portanto, quanto à abordagem teórica da pesquisa dissertativa e metodologia para análise de dados, propomo-nos a seguir pela dialética como possibilidade de apreender as contradições, oposições e compreensões presentes entre as teorias e as análises da realidade e, também, adotar a hermenêutica devido à necessidade interpretativa e à apreensão de sentidos que os estudos a partir de Zygmunt Bauman sugerem. Esses horizontes de abordagem, no entendimento de Stein (1983), não contraditórios na perspectiva da produção de conhecimento, têm a proposta de averiguar o sentido que a parte autora quis exprimir e possibilidade de interpretação da mensagem e seus significados para a parte leitora. Dessa maneira, o conhecimento se apresenta e é concebido de modo complexo, bem como as análises, os estudos e as elaborações decorrentes do material estudado, do vocabulário e da linguagem de quem escreve, das circunstâncias históricas, ambientais e de pensamento que influenciaram as obras, a formação, as mentalidades e concepções de quem escreve, de quem lê, de quem analisa (Marconi; Lakatos, 1992).

As abordagens dialético-hermenêuticas desempenham um papel substancial neste estudo, uma vez que Zygmunt Bauman as emprega de maneira ampla e profunda ao explorar elementos simbólicos, como a água, por exemplo. Nesse contexto, a água, em seu estado líquido, representa a dinâmica das instituições, dos relacionamentos humanos e da Educação, em contraste com a solidez de formas definidas; essa metáfora possibilita-nos estabelecer diálogos com outros pensadores e concepções teóricas, incluindo as contribuições de Paulo Freire.

A presente dissertação visa pesquisar como Zygmunt Bauman reflete acerca do ensino para as novas gerações e se é possível percebermos o fim da Educação como a conhecemos. Nesse intento, pesquisamos detalhes mencionados por Bauman nas seguintes obras: *Em busca da Política* (2000), *Modernidade líquida* (1999), *Vida para o Consumo* (2007), *Tempos líquidos* (2007), *Sobre educação e juventude* (2013), *Medo Líquido* (2006), *Amor Líquido* (2004), *Nascidos em Tempos Líquidos* (2017) e *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2010).

Nessa linha, foi dada prioridade a observações sobre o comportamento da atual geração que frequenta as escolas, na relação específica de como essa juventude encara a vida e como pretende ser no momento seguinte de sua existência, a fase adulta, em relação a trabalho, consumo, relacionamento e meio ambiente, a partir da produção sócio filosófica de Bauman, nas obras referidas. Outras fontes bibliográficas consultadas seguiram o critério de estar

relacionadas ao tema do presente projeto de pesquisa. Destacamos algumas, sem perder os horizontes expostos nos objetivos e metodologia: Marconi e Lakatos (1992), com *Metodologia do Trabalho Científico*; Gil (2008), com *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*; Minayo, Deslandes e Gomes (2013), e Bogdan e Biklen (1994) também foram referências para a pesquisa qualitativa.

Com base nessas referências teórico-metodológicas, assimilamos que a pesquisa básica, ou pura, tenciona expandir o conhecimento teórico sem uma aplicação prática imediata. Concentra-se no entendimento aprofundado dos conceitos fundamentais relacionados à temática de pesquisa. A pesquisa básica proporciona o alicerce bibliográfico e teórico para a pesquisa, sendo essencial, na pesquisa acadêmica, com o objetivo de proporcionar compreensão básica dos elementos necessários para a elaboração de trabalhos científicos, em debates no campo da linguagem, do imaginário, da teoria, das compreensões e, também, no campo empírico. Para a dissertação, a pesquisa básica é basilar no sentido de viabilizar as bases necessárias para a fundamentação teórica da pesquisa.

Esse tipo de pesquisa está centrado na busca de conhecimentos básicos que se constituirão como apoio para a formulação de hipóteses, o que tende a influenciar nas pesquisas aplicadas e promover o desenvolvimento científico por meio da aplicação do conhecimento gerado via pesquisa básica (Villaverde *et al.*, 2021, p. 41-42).

Quanto à pesquisa qualitativa, é a etapa da pesquisa que demanda um grande volume de trabalho e tempo para reunir e organizar as informações indispensáveis para respaldar as hipóteses levantadas. Por esse motivo, as pesquisas qualitativas “fundamentam-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O/A pesquisador/a participa, compreende e interpreta” (Chizzotti, 2014, p. 54), logo, imprescindível para a pesquisa científica. “A coleta de dados comporta algumas normas que dependem e se ajustam ao tipo de pesquisa que se empreende”, segundo Chizzotti (2014, p. 53). Nessa mesma esfera, afirma que “a definição da técnica e a elaboração do instrumento mais adequado à pesquisa não são arbitrárias. Estão conexas com as hipóteses que se quer comprovar, com os pressupostos que são assumidos e com a análise que se fará do material coligido” (Chizzotti, 2014, p. 53).

Conforme Minayo, Deslandes e Gomes (2013, p. 74), o foco da pesquisa qualitativa “é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar”. Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos/as interlocutores/as porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e

representações de um grupo que tenha as mesmas características costuma ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor.

A metodologia também prevê a realização de buscas acerca da temática, nas bases de dados de teses e dissertações e periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Movimento que realizamos no momento que segue, o qual denominamos, Estado do Conhecimento, como sinônimo de Revisão da Literatura.

1.3.1 Revisão da literatura

O objetivo da realização das buscas para auferir o Estado do Conhecimento é compreender o que tem sido pesquisado em torno da temática da Modernidade Líquida de Bauman em relação à Educação. Não há pretensões de realizarmos uma tarefa exaustiva de pesquisas a respeito da temática do sociólogo e suas teorias, porém verificar se existem produções com a perspectiva que nos propomos nesta busca que possam contribuir com o diálogo que a presente dissertação pretendeu desenvolver. Por isso, apenas o Portal da Capes foi consultado, com delimitação de período dos últimos cinco anos, Língua Portuguesa e programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Realizamos as buscas no Portal de Teses e Dissertações da Capes, com os descritores “Zygmunt Bauman” e “ensino para as novas gerações”. Refinamos as buscas para os últimos cinco anos, na Área do Conhecimento Educação e para, especificamente, programas *stricto sensu* em Educação. A fim de verificarmos a existência de trabalhos aproximados desse descritor, adotamos o critério de analisar os 20 primeiros resultados por ordem de relevância. Na análise desses resultados, encontramos quatro textos que se aproximam, de certo modo, do descritor que estamos pesquisando. No entanto, um deles estava fora do período de busca. Analisamos os resumos e encontramos dois trabalhos que contribuem com nosso estudo: 1) “Análise de um guia didático virtual de metodologias ativas e recursos digitais: contribuições na formação docente”, de Celita Trevizolli Poli, dissertação apresentada na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, em 2022; e 2) “Zygmunt Bauman e a Educação Física: um caminho para novas análises e possibilidades”, de Thaís Ribeiro Montalvão, dissertação apresentada na Universidade Federal de Goiás, em 2022. Sobre a dissertação de Thaís Ribeiro Montalvão, não localizamos o texto no Portal da Capes. Entramos em contato por e-mail com a autora e não obtivemos resposta.

Pesquisamos os descritores “Zygmunt Bauman” e o “fim da Educação republicana”. Aplicamos os mesmos filtros que selecionamos para as buscas e, ao refinarmos para os últimos cinco anos, encontramos para a Área do Conhecimento Educação e, especificamente, programas *stricto sensu* em Educação, cinco textos que se aproximam do descritor pesquisado. Analisamos os resumos e localizamos três trabalhos que podem contribuir para o nosso estudo: 1) “Cultura e Educação na Modernidade Líquida: desafios para as potencialidades formativas”, de Chana Francini Beltramin Denti, dissertação apresentada na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em 2020; 2) “Ambivalência, Educação e Solidariedade no Horizonte da Pluralidade “Com” e “A Partir de” Zygmunt Bauman”, de Claudionei Vicente Cassol, tese apresentada na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2018; e 3) “Dos sólidos herdados à realidade líquida: ciência, arte e ensino na formação de professores de física”, de Milene Dutra da Silva, tese apresentada na Universidade Federal do Paraná, 2021.

Ao realizamos uma nova busca, agora com os descritores “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”, identificamos cinco textos que se aproximam do descritor que pesquisado. Ao analisarmos os resumos, detectamos um trabalho que contribuiu para o nosso estudo: “Zygmunt Bauman: uma bibliografia e possíveis diálogos com a Educação”, de João Nicodemos Martins Manfio, tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.

Ao realizarmos uma nova busca, utilizando os descritores “Zygmunt Bauman”, o “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman” e o “fim da Educação republicana”, encontramos cinco textos que se aproximam, de algum modo, da nossa pesquisa. Analisamos os resumos e não localizamos nenhum trabalho novo que contribuísse para o nosso estudo.

Novamente, foi realizada uma nova busca, empregando os descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”. Como resultado, foram achados cinco textos que se aproximam da pesquisa. Os resumos foram lidos e avaliados, entretanto não identificamos nenhum trabalho novo que contribuísse com o estudo.

Empregamos, ainda, uma nova pesquisa com os descritores “Zygmunt Bauman”, “fim da Educação republicana”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”, contudo não encontramos nenhum trabalho novo. Da mesma forma, quando realizamos a última pesquisa com os descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman” e o “fim da Educação republicana”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”, não obtivemos nenhum resultado. Ao fazermos as buscas no Portal de Periódicos da Capes, com os

descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, não encontramos nenhum resultado. Utilizamos, também, os descritores “Zygmunt Bauman”, “fim da Educação republicana”, novamente não encontramos nenhum resultado. Realizamos uma nova busca com os descritores “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”, novamente não conseguimos nenhum resultado. Ao aplicarmos outra busca, usando os descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman” e o “fim da Educação republicana”, não localizamos nenhum resultado. Seguimos, agora, com os descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana” – o Portal de Periódicos da Capes não trouxe nenhum trabalho, assim como com os descritores “Zygmunt Bauman”, “fim da Educação republicana”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”. Quando efetuamos a última pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, usando os descritores “Zygmunt Bauman”, “ensino para as novas gerações”, “Zygmunt Bauman”, “fim da Educação republicana”, “Zygmunt Bauman” e a “Educação republicana”, não obtivemos nenhum resultado.

Com base no material obtido por meio das buscas no Portal de Teses e Dissertações e Periódicos da Capes, considerando os movimentos e ações resultantes das intencionalidades expressas nos objetivos e na justificativa desta pesquisa, estruturamos os capítulos de forma a atender às propostas estabelecidas. Dessa maneira, o capítulo que ora se encerra busca proporcionar uma compreensão aprofundada dos aspectos teóricos e metodológicos que fundamentam o desenvolvimento do estudo, consolidando uma base sólida para as análises subsequentes.

2 COMPREENSÃO DA REALIDADE SEGUNDO BAUMAN E AS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO: DINAMISMO E FLUIDEZ

O presente capítulo se esforça em compreender as ideias de Bauman a respeito da contemporaneidade, denominadas por ele de Modernidade Líquida, e seus impactos na Educação da atualidade. Bauman (2010) deixa claro, em *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*, que a “crise na Educação” não é necessariamente nova. Também alerta que é impossível elaborar estratégias definitivas tanto para a continuidade do ensino, quanto para que seja superada a crise, desenhem-se alternativas para compreender as novas gerações e traçar estratégias pedagógicas de formação científica e humanista. Com o tempo, os indivíduos acabam perdendo contato com seus contextos e necessitam de bases compreensivas reformuladas para atender às novas demandas e, conseqüentemente, à realidade que sempre se transforma.

2.1 Compreensão da realidade a partir de Zygmunt Bauman e relações com o pensamento freireano

A compreensão da realidade educacional tem se mostrado um desafio constante ao longo da história. Em meio às transformações sociais e culturais, períodos de crise emergem como momentos de reflexão e necessidade de reformulação dos nossos pressupostos. Conforme observa Zygmunt Bauman, a crise atual na Educação apresenta características distintas das anteriores, evidenciando a complexidade do momento presente.

A “crise da educação” que tanto se discute em nossos dias não é absolutamente nova. A história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparências confiáveis estavam perdendo contato com a realidade e precisavam ser revistos ou reformados. Parece que a crise atual é diferente das anteriores (Bauman, 2010, p. 112).

Consoante Bauman, estamos vivendo um período muito singular na história da humanidade, denominado Modernidade Líquida, em contraste com a Modernidade Sólida, que se caracteriza pela rigidez das relações humanas e pela solidificação das instituições. Para o filósofo e sociólogo, parece que a Modernidade Sólida surgiu na era das revoluções, com o desenvolvimento do capitalismo e, à vista disso, com a ampliação da globalização, que tinha como objetivo buscar mão de obra e recursos naturais para transformar. Esse movimento fez com que as relações e as instituições fossem se transformando como o campo da Educação.

Em relação à educação, na Modernidade Sólida, os/as estudantes – e os indivíduos em geral, também – tinham, de modo geral, um modelo e uma referência a seguir. Talvez um projeto de vida de longo prazo, como, por exemplo, estudar ou trabalhar e constituir uma família e se aposentar, de preferência, na mesma empresa, no mesmo ofício. Hoje as pessoas não fazem projetos de longo prazo, e isso é, provavelmente, pela imprevisibilidade da continuidade dos planos que decorrem das mudanças repentinas e constantes do mercado de trabalho, nas relações profissionais e pessoais e na vida. A identidade dos indivíduos, então, está atrelada muito mais aos produtos que consomem do que propriamente aos valores que carregam consigo, que conseguem construir. O mundo em que Bauman acredita que estamos vivendo é globalizado. Nele, existem grandes movimentações de ideias e pessoas e uma grande competitividade entre os indivíduos; o sucesso pessoal e individual é muito mais importante que o coletivo.

A globalização, segundo Bauman, trouxe muitas ideias novas, boas ou ruins. Isso deixou, em termos de educação, pais e mães, ou mesmo responsáveis, perdidos/as em tantas informações, educandos/as angustiados/as com tantas incertezas quanto ao futuro. Antes da globalização moderna, cada sociedade seguia suas referências, suas influências sociais e como estavam mais isoladas e o acesso à informação era mais restrito ou reservado, a população acreditava muito mais nas instituições. As mudanças e interferências no sistema vigente eram duramente punidas.

Na Modernidade Líquida, ficamos confusos com a carga de informações que chega até nós e nos torna passivos/as em relação às mudanças ou continuidades. Ficamos hipnotizados/as com distrações fúteis, curiosidades aleatórias, como a *inteligência artificial* (IA), que pode nos aprisionar, alimenta a mente das pessoas com o que mais gostam, com prazeres e produz indivíduos fechados em uma espécie de caverna, como anunciou Platão, há tempos. Como consequência, existe a alienação de homens e mulheres, idosos/as, crianças, estudantes anestesiados/as pelo excesso de distrações midiáticas, digitais. No caso dos/as estudantes, as redes sociais e jogos eletrônicos dos mais variados estilos, efeitos, temas – entre os quais aqueles com apelos de violência parecem preferidos – produzem desinteresse, desmotivação, distrações, apelos às facilidades e descompromissos com a vida, com a existência. Nesse contexto, é difícil superarmos a Modernidade Líquida e contribuirmos com a formação de indivíduos capazes de discutir ideias sem ofender, sem violência, desenvolver uma cultura do diálogo, da paz. Em termos de educação, estamos vivendo grandes dilemas sociais, econômicos, culturais, científicos e humanistas, com repercussões ainda não compreendidas de todo e não

dimensionadas, como as questões climáticas, por exemplo, entre outras e que impactam o futuro imediato das próximas gerações.

Vivemos em um mundo que nos deixa alienados/as e, em nome do lucro abusivo de algumas poucas pessoas, tudo se torna financeirizado, mercantilizado (Bauman, 2000). Praticamente tudo tem um interesse econômico, o que faz as juventudes acreditarem que tudo possui preço e nada tem valor, como pensamos que se processa a linguagem do mercado em confronto com a linguagem da ética.

Não estamos afirmando que o dinheiro não seja importante. Entretanto, a mercantilização de tudo, a financeirização da vida, torna a existência, muitas vezes, sem sentido, sem perspectivas. As pessoas, com o tempo, começam a acreditar que tudo é como nas telas, no mundo virtual, e deixam de viver as amizades genuínas, o convívio com a família, de aproveitar as belezas da natureza e os ensinamentos que fazem parte da existência. Basicamente, deixam a liberdade de lado, a pretexto da ideia errônea de liberdade que é propagada, de lutar por qualidade de vida, e passam a viver em um mundo artificial e ilusório; uma caverna ou sociedade de bolhas. Na Modernidade Líquida, as formas de alienação são variadas, complexas, voláteis, líquidas, difíceis de serem detectadas, o que, em nossa compreensão, pode ser comparado com o sentido contido no *Dicionário Paulo Freire* (Streck; Redin; Zitkoski, 2008) no qual encontramos que a alienação pode ser entendida como invasão cultural, doméstica, opressão, através de diversos e potentes mecanicismos (Kieling, 2008).

A obra também esclarece sentidos de alienação em outras passagens, como essa:

As formas de alienação são constantemente denunciadas [por Freire que] entende-a como perda da condição de sujeito na sociedade. Perda efetiva nos processos históricos, que reduzem as populações a condições desumanas de vida à subserviência, a posições de exploração que diminuem a capacidade dos homens [e das mulheres] de ser mais (Kieling, 2008, p. 49).

Kieling (2008) demonstra que Paulo Freire tem uma preocupação com a condição de quem está oprimido/a pelas diferentes maneiras de alienação que beneficiam, justamente, indivíduos que não querem o desenvolvimento integral de homens e mulheres. Ou seja, daqueles e daquelas que buscam vida digna para si e para suas famílias, que não têm somente seus direitos negados e sua dignidade ferida, mas podem estar em sofrimento, enfrentando violência física, psíquica, moral, cultural, social, econômica. Além disso, nos tempos atuais, também, violência ideológica e ambiental/ecológica de quem deseja tirar proveito da condição humilde das pessoas que se encontram em situações de miséria, de pobreza, de exclusão e não ocupam, pela estrutura aristocrática do poder, postos de gestão e condições de escolha.

Segundo Freire, tanto homens como mulheres fazem parte da história e são agentes dessa mesma história, no entanto, à medida que ambos se tornam alienados, acabam deixando de lutar por seus direitos e, como efeito, ficam reféns da opressão seja ela social, econômica ou política, como resultado, acabam abrindo mão de algo muito valioso para a democracia e a cidadania, que são seus direitos. Infelizmente, na história, temos muitos exemplos de perda de direitos, sejam eles graduais ou instantâneos com resultados trágicos.

Quando o ser humano perde o respeito pelas necessidades e dignidade das outras pessoas, é levado a um caminho sem volta de desumanização e selvageria. Percebemos que, na Modernidade Líquida, homens e mulheres não estão bem; algo os/as perturba quase que inconscientemente, o que parece provocar a potencialização do consumismo, da competitividade, do individualismo, do egoísmo, da alienação, das pandemias, das crises econômicas que assolam o mundo. A globalização, os mercados interligados, a financeirização do mundo e uma espécie de transvaloração indicam que não sofremos mais localmente, porém globalmente.

O sofrimento não é mais individual; na prática, todos/as sofremos em um mundo cada vez mais interligado e, ao mesmo tempo, fragmentado e destruído com as crenças de que o consumismo, o expansionismo, os imperialismos, juntamente com entreguismos, reacionarismos, fundamentalismos dogmatistas, doutrinas neoliberalistas e negacionismos resolverão os problemas da sociedade. Bauman lembra-nos da ambivalência da condição humana de que, sempre que resolvermos um problema, surgirão vários outros em um círculo infinito. O que isso nos ensina? Que o diálogo deve ser permanente, um canal, um fórum, aberto ininterruptamente, de cultivo e uso contínuo, como a solidariedade, a Educação, a ciência e a humanização (Freire, 2011, 2018).

Uma das soluções que Paulo Freire (2018) encontrou para a superação da alienação e outros males da globalização é a conscientização e a denúncia das injustiças, ressaltando a esperança em dias melhores. Para Freire, a esperança sempre foi um sonho possível. Devemos reconhecer que ela nunca pode ser subestimada, pois sem ela nem as pequenas ações ganham força. Nesse sentido, não nos atrevemos a escrever que um dia teremos um mundo perfeito; talvez, melhor, se a esperança freireana estiver na ordem de um sonho possível. Se homens e mulheres perderem a esperança em seus/as semelhantes, poderemos, em um futuro próximo, abrir os olhos e vermos um mundo perverso, destruído pelo egoísmo, pela desumanização, pelo ódio e sem felicidade. Na interpretação de Danilo Streck (2008, p. 205): “esperança é uma categoria central na obra de Freire, ligada com outros conceitos como utopia, inédito viável ou sonho possível”.

Por outro lado, não devemos ser ingênuos a ponto de acreditarmos que, na Modernidade Sólida, não havia problemas e dilemas, contudo, os valores, na época, eram diferentes, e os objetivos e as preocupações, outros. Os objetivos que fizeram surgir a Modernidade Líquida parecem, a princípio, os mesmos que, em contrapartida, fizeram surgir a Modernidade Sólida: a ânsia por maior liberdade e a construção de uma sociedade livre e próspera assentada na ordem. Denotamos, ambivalentemente, que a busca por liberdade, na Modernidade Sólida, como na Modernidade Líquida, trouxe muitos benefícios em vários setores da economia e da sociedade, como na Educação e na cultura. Entretanto, no mundo que compartilhamos, convivemos com várias crises individuais, institucionais, globais e humanitárias que impactam o ensino.

De acordo com Zygmunt Bauman, ocorreram muitas transformações após a Modernidade Sólida. As relações econômicas se tornaram muito mais dinâmicas e as sociais mais individualistas, logo, descartáveis, com laços humanos muito mais frágeis, tendo o consumo como principal definidor da identidade e mesmo dos próprios valores sociais, manifestando uma liquidez nas relações, sejam elas sociais, econômicas e, até mesmo, pessoais, o que impacta nos valores sociais e familiares, reverberando na Educação como um todo.

Para compreendermos melhor esse contexto, não poderíamos deixar de dialogar com um dos grandes educadores brasileiros que é Paulo Freire. Mesmo abordando as questões sociais e educacionais de maneira diferente de Bauman, ambos têm preocupações semelhantes em relação aos problemas sociais que interessam à Educação atual e futura.

Na obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paulo Freire defende que o individualismo seria prejudicial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, porque impede a solidariedade e a colaboração necessárias para superar as opressões e construir uma sociedade mais justa nesse sentido. Confiava que a conscientização de educandos/as seria o caminho para um ensino de qualidade, ou seja, a ação coletiva e a inclusão são muito mais ontológicos que o individualismo e a competitividade. O egoísmo, exacerbado do modo como a sociedade o tem expressado, e o individualismo, como ocorre na *Modernidade Líquida* (1999), são mais prejudiciais do que benéficos para os/as educandos/as e para a sociedade como um todo.

Em relação à Modernidade Líquida, Bauman também aludia que o individualismo produz alienação, a fragmentação e a fragilidade das relações humanas. Em sua obra *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), temos vários exemplos. A obra mostra que a Modernidade Líquida desafia nossa capacidade de amar e pode tornar homens e mulheres, basicamente, em objetos descartáveis. Isso afeta diretamente as famílias dos/as educandos/as, dado que esses seres necessitam de uma estrutura familiar ou algo semelhante que lhes dê

suporte cultural, social, moral, ético, principalmente enquanto ainda crianças, adolescentes e jovens.

Na Modernidade Líquida, normalmente, homens e mulheres querem somente o lado bom, prazeroso das relações: o romance, as facilidades, os prazeres, mas não as responsabilidades; desejam as pessoas na saúde e querem se livrar delas na doença. Praticamente, um consumismo humano no qual os sentimentos de respeito e apego ficam em um segundo plano. Serão, justamente, esses homens e essas mulheres que cuidarão das próximas gerações, que educarão as novas gerações.

De maneira alguma temos a pretensão de generalizar que existam somente pessoas egoístas e individualistas na sociedade. Todavia, uma boa parcela da população mundial, atualmente, está fundamentalmente pensando em si, construindo sua bolha, seu mundo, sua política da vida privada (Bauman, 2007, 2000), o que pode ser muito prejudicial para as gerações futuras. Como descrito por Riboli (2019, p. 16), “[...] isso decorre também de uma ‘sociedade líquida’ que, em termos de atuação coletiva não mais dá conta de organizar seus membros em torno de demandas”.

Talvez uma das saídas seja a amorosidade que Paulo Freire reapresenta incansavelmente em sua construção teórica como crítica a essa situação em que o amor esfria e, provavelmente, ninguém se importará com seu semelhante. O amor deixará de ser compromisso e se construirá em vínculo provisório para atingir objetivos e, em outro momento, os relacionamentos duradouros são um obstáculo às liberdades individuais, isto é, o suicídio ou genocídio do pensamento coletivo, da solidariedade, do compromisso e da ética.

Resgatamos, a partir de Streck, Redin e Zitkoski (2008), que Freire parece trabalhar com a concretude da produção do sentido e do sentir amorosidade como uma potencialidade e uma capacidade humana que remete à uma condição de finalidade existencial ético-cultural no mundo e com o mundo. No entanto, como desenvolver o sentimento de amor, amorosidade, nas gerações futuras na sociedade líquida?

Na direção que a liquidez nos coloca, com base na compreensão baumaniana (Bauman, 2013), às gerações futuras rejeitarão o amor para não sofrer, manterão os laços de humanidade, compromisso e vínculos frouxos para se desapegarem assim que as coisas não saírem como o esperado. O individualismo enfraquece os laços comunitários, prejudicando a solidariedade humana e desenvolvendo uma sensação de isolamento. Essa sensação, no mundo que compartilhamos, perturba principalmente as gerações mais antigas que observam, com desconfiança e estranheza, esse fenômeno líquido. Outro fenômeno que Bauman enfatiza é o consumismo como meio de aliviar as angústias aos efeitos colaterais da Modernidade Líquida.

Da mesma maneira, Freire também critica o consumismo, pois considerava que poderia levar à desigualdade e deixar em segundo plano objetivos importantes como o desenvolvimento pessoal e social sem os quais não é possível encaminhar a superação da Modernidade Líquida.

Fica evidente que, tanto em Freire quanto em Bauman, o comportamento individualista está suplantando o social e afetando os indivíduos nas suas concepções, na sua formação. Também atinge, de alguma forma, a sociedade. O individualismo e o consumismo dos indivíduos trazem consigo efeitos devastadores para a sociedade, para as novas gerações e, como efeito, para a Educação. Aqueles elementos que tocam o indivíduo também implicam a sociedade e prejudicam o ensino. Em relação às juventudes, as repercussões da Modernidade Líquida são muito mais devastadoras, esses indivíduos passam por uma fase vulnerável em que ainda estão descobrindo o mundo e conhecendo a realidade social, a complexidade da existência, os horizontes da cultura, da economia, da política, que tornam essa situação juvenil, das escolhas, da posição no mundo, muito mais complexa.

Acerca dessa realidade, Freire sustenta a validade de uma pedagogia crítica, que enfatiza a conscientização, a ação coletiva e a transformação social para proteger as classes mais oprimidas e as pessoas mais vulneráveis. Bauman tem uma preocupação social mais ligada às relações humanas e faz duras críticas à superficialidade delas, com fortes impactos negativos na formação educacional. Ambos têm uma forte crítica social a respeito da opressão, da desigualdade social, da falta de uma reflexão crítica. As teorias parecem se encontrar no ponto em que Freire utiliza a Pedagogia Crítica, e Bauman, a Sociologia Reflexiva para pensar, compreender e construir questionamentos e possibilidades para o contexto atual do mundo local e global, em transformação, como é o mundo líquido da Modernidade que compartilhamos.

O *Dicionário Paulo Freire* (Streck; Redin; Zitkoski, 2008), ao lembrar a história de vida e o conhecimento pedagógico freireanos, situa a arquitetura teórica do patrono da Educação brasileira na aversão à injustiça e na luta radical pela dignidade humana através da conscientização como meio de libertar o ser humano das amarras da ignorância de seu panorama social, da sua condição de opressão. A obra também traz presente que Freire foi exilado do Brasil, acusado de subversão por causa de seus métodos pedagógicos que veem o ensino com possibilidade de mudar as realidades, os cenários sociais. Queremos frisar o quanto é perigoso o conhecimento, a ciência, a ação pedagógica que desperta a conscientização na luta pela busca da dignidade humana, especialmente, quando ameaça a ordem social, as hegemonias e aristocracias, tanto em dimensão local quanto mais universal.

Trazemos esse viés porque, no enquadramento sócio-histórico do Brasil e do mundo globalizado, há muitas pessoas excluídas, oprimidas, afastadas da dignidade humana e

vilipendiadas na sua condição humana; homens e mulheres que vivem na linha da pobreza e abaixo dela, nas fronteiras da marginalidade, esquecidas pelo Estado *neo* e *ultraliberal*. Ao acreditar em uma Educação libertadora, radical, da esperança para transformar, revolucionar, a realidade de dominação e opressão, Freire se encontra com Bauman, que sustentava outra maneira de nos relacionarmos com o mundo para evitarmos o império do consumismo que faz do ser humano uma peça descartável, em um sistema não preocupado com a dignidade humana.

Em um mundo com tantas desigualdades, preconceitos de todos os tipos, violência e ignorância, descaso com a dignidade humana, foco no lucro e violência sistêmica, a pergunta que fica é como construir uma Educação em que as pessoas sejam menos intolerantes, menos violentas, mais dialógicas, mais honestas e íntegras? Angustiamo-nos muito ao pensarmos para onde a Educação pode estar seguindo. Como as famílias, a sociedade, as instituições, os governos, em nome do Estado, estão cuidando das novas gerações? Como a tecnologia, que poderia ser aliada da aprendizagem, está desenhando o futuro do ensino?

Nessa linha, a fim de contribuirmos com a mudança da realidade nos diversos campos que envolvem Educação e ensino, pensamos na continuidade das ações, tanto pelo viés freireano quanto baumaniano, na persistência, na esperança, na construção de projetos. Por exemplo, precisamos de famílias mais presentes. Sem embargo, como ter famílias que possam dedicar atenção a seus filhos e filhas, se seus membros precisam trabalhar várias horas por dia para sobreviver? E, ainda mais, é necessário contar com a instabilidade nas relações familiares, fluidez das amizades e outros relativismos, como alerta Bauman.

Profissionais carecem de ser valorizados e auxiliados nos processos de formação para a ética, a integridade, o compromisso com a vida, com as outras pessoas. A Educação é um processo que se desenvolve com a conscientização, com a desalienação, na sua construção que acontece gradativa e continuamente. Na denúncia de Bauman (2013), as mídias têm condições de destruir, em pouco tempo, um conceito educacional, os preceitos, valores e manter a alienação em curso. Pode, também, contribuir com mensagens potentes para a formação integral, com perspectivas críticas, questionadoras, todavia, o que se tem visto é sua ação na *oclusão mental*. Em rápidos movimentos, apresenta mensagens inadequadas mediante falas, gestos e imagens não devidamente explicadas às pessoas e acaba por formar compreensões, atitudes, pensamentos que moldam e não desenvolvem criticidade.

Freire jamais conjecturou que as ideias eram imutáveis e, em suas obras, deixa essa concepção bem clara. Portanto, não podemos perder a esperança em um mundo melhor, pelo qual precisamos lutar para que aconteça. A esperança é uma palavra que está na obra de Freire como revolução, como ensinamento, como proposta de ação permanente de formação, de práxis

para enfrentamento ao que podemos ter ainda em futuros próximos, na Modernidade Líquida, que produz uma sociedade instável, com mudanças bruscas, imprevisíveis, na qual a segurança está ameaçada e a liberdade é somente retórica, propagando, de lugar nenhum, de não lugar para a grande parte dos indivíduos ao redor do Planeta Terra. Esperar envolve compromisso com a alteridade, luta, ação, participação, envolvimento com a transformação do mundo para que se cure dessa doença chamada desapego, desamor, na qual homens e mulheres não cultivam vínculos, cada um/a vivendo em sua bolha e dela acompanhando o caos acontecer. Esse não lugar – posto que não pertence à ontologia humana do cuidado, da racionalidade, da consciência da coletividade – não tem espaço para afeto, para intersubjetividades, para reconhecimento e, no qual, a solidão cresce em meio a multidões.

Em nossa análise, é um cenário muito triste, entretanto, para Zygmunt Bauman, é real, já acerca de Freire, em suas obras, escreve para não perdermos a esperança em um futuro melhor, pois onde existe esperança, há vida pulsante e vontade de superar os desafios de nossa Modernidade contemporaneamente líquida.

Nesse rumo, tanto Bauman como Freire, muitas vezes, têm ideias que se complementam e são empáticas à condição humana, ambos deixam claro que, para transformar o mundo em um lugar melhor, necessitamos, principalmente, de pessoas melhores e nelas desenvolver uma consciência crítica. Para isso, precisamos de uma Educação de qualidade, científica e humanística, com uma formação integral, como já tem dito há mais tempo por Gramsci (1982).

Não estamos afirmando, de maneira alguma, que o processo de formação de pessoas mais conscientes, esperançosas e agentes na realidade sócio-histórica e político-cultural, em plena Modernidade Líquida, seja uma tarefa fácil. Queremos ver vários elementos, ambivalentemente, de dentro da Modernidade Líquida, que têm condições de proporcionar uma possível tomada de consciência. São os momentos em que os processos educativo-pedagógicos trazem à consciência, à mente, à reflexão, a realidade da pobreza, da miséria, da desigualdade social, da desconfiança, da fragilidade das relações humanas, do consumismo, do trabalho precarizado, portanto, sem garantias socioeconômicas e duradouras, garantidas pelo Estado, pelo ente público. A necrofilia dos processos humanistas: os indivíduos descartáveis, o excesso de informações, as pandemias mundiais, os jogos e entretenimentos eletrônicos com apelos violentos – praticamente clubes de tiro – as redes que *não são* sociais, o solipsismo, a técnica e as novas comunidades que colocam em contato pessoas distantes, com objetivos de disputas, de concorrência, que afastam as pessoas mais próximas, os/as próprios/as vizinhos/as. Nesse quadro, é mais digno para os processos pedagógicos e educativos trabalhar no desenvolvimento

dos indivíduos do que, propriamente, na evolução da técnica, ou seja, quanto mais avançada a tecnologia, mais conscientes e preparadas precisam ser as pessoas.

Identificamos como um dos grandes problemas da Modernidade Líquida o excesso de informações que dificilmente transformam-se em conhecimento. Que sentido tem dispormos das mais avançadas tecnologias se não tivermos homens e mulheres de caráter, integridade, humanismo, dialogicidade e cientificidade? A dignidade humana deve ser uma preocupação constante para não nos perdermos somente em coisas fúteis e sem sentido como é o consumismo. De que vale um mundo globalizado, cheio de desigualdade social e econômica, onde o importante é somente as questões financeiras que, em última análise, são relevantes, mas, se não trouxerem desenvolvimento e prosperidade para todos, perde seu sentido, isso se novamente, em última análise, for o objetivo da globalização.

A globalização nos legou um mundo aberto, ambivalente (Cassol, 2020, 2022), para o bem e para o mal. Na privacidade de nossas casas, que são também nossas bolhas, as características boas ou ruins se potencializam com as informações e formação adquiridas. O valor da Educação pública ressurgiu a cada instante em que se pensa nessa condição comportamental que vivemos no mundo que compartilhamos. Perguntamos, nessa seara, sobre as implicações da *home schooling*, de outras *metodologias* de ensino privatistas, solipsistas, para o futuro da sociedade. O momento é de formação e, parece-nos, para desenvolver uma consciência maior das potencialidades e habilidades sociais, coletivas, públicas, porque inauguram ou lembram a dependência que os indivíduos têm uns dos outros. A consciência dessa condição humana abre as portas da solidariedade, do diálogo, do reconhecimento da diversidade, da pluralidade e do compromisso social que a vida contém.

Essa realidade nos oferece diversos benefícios ao adotarmos uma abordagem que combine o rigor científico com uma visão humanista do conhecimento. A formação e o aprimoramento do conhecimento podem constituir-se como ferramentas essenciais no combate aos problemas que afetam a Educação. Contudo, é importante reconhecermos que o conhecimento deve ser visto como uma possibilidade de transformação, uma vez que a promessa da ciência liberal-positivista de que todos os males da humanidade seriam eliminados nunca se concretizou. A ambivalência, termo forte de Bauman, encaixa-se perfeitamente nessa ideia e indica que conseguimos avanços, porém, surgiram danos colaterais: conseguimos resolver o problema da desigualdade social em algumas regiões, entretanto sofremos com conflitos étnico-culturais, em outras; resolvemos problemas e criamos outros. No entanto, chamamos a atenção para o que pode – na melhor das intenções – revelar uma gravidade. É importante pensarmos o seguinte: as soluções que a ciência do progresso, da ordem, da

supremacia branca, patriarcalista e imperialista têm encontrado, estão na pauta do capital consumista, do esgotamento do planeta, da concentração da renda, do vilipêndio da condição humana. A ganância de homens e mulheres por poder e riqueza parece infinita, mesmo que cause dores, mortes e exclusões a grande número de outros homens e outras mulheres.

As juventudes vivem em um mundo fabuloso e, ao mesmo tempo, em um dos períodos mais perigosos da história da humanidade. Somado a tudo isso, existem os conflitos internos das pessoas, os conflitos em suas casas, os dilemas e problemas vividos em seus contextos, além dos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais e da sustentabilidade. Em um cenário tão complexo e desafiador, compreendermos a realidade é um movimento que a Educação não deve descuidar. Em cada época da história, o ser humano se adaptou aos vários panoramas sociais e econômicos, e não poderia ser diferente na Modernidade Líquida. Não obstante, tanto para Freire quanto para Bauman, a escola e a Educação têm se constituído em uma oportunidade de vida melhor, mais digna. A crença de Freire na Educação popular busca atingir as classes historicamente marginalizadas, oprimidas, violentadas pelo poder hegemônico, aristocrático. É o esforço de recuperar a grande dívida social que o Brasil tem com seu povo.

Quando Streck (2008, p. 60) escreve que “a pequena cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, tornou-se o emblema de uma proposta de alfabetização revolucionária”, visto que foi em “Angicos que a equipe coordenada por Freire realizou a experiência pioneira de alfabetização de adultos [...]”, mostra uma iniciativa que desenvolve senso crítico em homens e mulheres através da capacidade de desvendar o mundo, pela leitura, leitura de mundo, pela reflexão. A proposta freireana sintetizada nos aspectos de ousadia epistemológica, no engajamento político e no pensar esperançoso, remete à Sociologia da Educação que Bauman desenvolve em oposição à oclusão mental e à necessidade de conhecimento, de ciência, de humanismo.

2.2 Ousadia epistemológica, o engajamento político e no pensar esperançoso

Para compreendermos os conceitos que nos parecem centrais em Freire e se aproximam com as concepções de educação de Bauman, iniciamos o diálogo pelo significado de ousadia epistemológica que contempla, envolve, relaciona, a coragem e a disposição para desafiar e questionar as estruturas existentes e os conhecimentos dominantes. Na grande maioria das vezes, essa é a história dos/as vencedores/as. Na ousadia está a capacidade de pensarmos de

forma crítica e criativa, de rompermos com as ideias pré-concebidas, abrimo-nos ao diálogo e à reflexão para uma construção coletiva do conhecimento.

O conhecimento é dinâmico e se constrói na coletividade, por meio da contribuição de homens e mulheres em seus cotidianos, em suas lutas históricas. Somos os sonhos de futuro de nossos antepassados; somos também os/as sonhadores/as que constroem o futuro para as próximas gerações. É importante notarmos que “Freire não repete as estruturas de pensamento da tradição filosófica, mas busca inovar a partir do desafio da realidade do oprimido em diálogo com os instrumentos de análise da reflexão teórica” (Streck; Redin; Zitkoski, 2008, p. 23). Outro ponto pertinente do pensamento freireano, nessa questão, é o engajamento político, que é a participação ativa e consciente na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, quer dizer, em favor das pessoas oprimidas, aqueles e aquelas que mais sofrem. Para Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 31), a partir desse momento, Freire diz que:

[...] dialeticamente, faz a denúncia de um mundo no qual se ampliam e sofisticam as formas de opressão e, ao mesmo tempo, destaca a importância e a viabilidade do processo educativo humanizador e sua relação direta com o desafio da práxis social transformadora: É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

Esse fragmento mostra a força de Freire na luta contra as injustiças do mundo. Em sua trajetória, sempre foi muito corajoso, a ponto de desafiar o poder de muitos que queriam o seu silêncio em relação às formas de opressão que ele sempre denunciou durante sua vida. Freire tinha, em sua práxis, o pensar esperançoso, acreditava que a esperança é um elemento fundamental no processo de educação, porém, sobretudo, de transformação social. Entretanto, Bauman, por sua vez, não tinha uma visão tão otimista do futuro, contudo defendia um mundo em que as pessoas deveriam se preocupar em pensar mais acerca da dignidade humana.

As obras de Paulo Freire sempre foram referências no mundo inteiro, haja vista que, além de seu amor pela Educação, conhecia várias realidades e necessidades das populações mais carentes e oprimidas. Por seu turno, Zygmunt Bauman estava mais preocupado em buscar a compreensão da contemporaneidade e a maneira como a mercantilização objetifica os indivíduos e personifica os produtos e como as relações humanas da contemporaneidade se tornaram frágeis e efêmeras. Apesar de analisarem o mundo de modos distintos, com Bauman utilizando uma visão mais sociológica em seus estudos e Freire com uma abordagem mais

voltada à Educação, ambos têm o ser humano como matéria-prima de suas obras e fornecem contribuições valiosas para o entendimento da realidade e da Educação atual.

Freire tinha uma esperança inabalável e uma determinação invejável, em se tratando de Educação e transformação social. Sua filosofia pedagógica se espalhou pelo mundo, como aparece no fragmento da obra *Dicionário Paulo Freire*: “Na América Latina, há uma inegável influência do pensamento freiriano na filosofia e na teologia da libertação e em inúmeras práticas educativas e sociais em diversas áreas” (Streck, Redin e Zitkoski, 2008, p. 32).

Paulo Freire tinha o diálogo como uma relevante ferramenta. Considerava que o aprendizado deveria ser uma via de mão dupla, na qual os indivíduos envolvidos ensinam e aprendem em relação mútua. O diálogo dá importância à voz dos/as estudantes e faz com que educadores/as assimilem com mais amplitude a realidade, seus contextos sociais e culturais e consigam realizar uma mediação educacional da aprendizagem, da construção do conhecimento mais qualitativa. Nessa perspectiva, também Freire, de algum modo, chama a atenção para sermos empáticos/as com as outras pessoas, sermos respeitosos/as, porque cabe ao/à educador/a desenvolver as potencialidades de seus educandos/as. Essa via pode agir no despertar das consciências, com orientações, auxílio e, ao mesmo tempo, indicar a necessidade da liberdade para as próprias escolhas. São passos que indicam possibilidades de homens e mulheres autônomos/as, empoderados/as para a ação nas condições concretas das realidades que enfrentam.

Freire coloca homens e mulheres como protagonistas, em ações de diálogo e troca de conhecimentos, fortalecendo as relações pessoais, tão fragilizadas, segundo Bauman, na Modernidade Líquida. Essa conexão podemos perceber na proposição de Streck, Redin e Zitkoski (2008, p. 84), quando compreendem que, para Paulo Freire, “autonomia é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades”. Aliás, tanto Bauman como Freire se preocupam com o diálogo, um dos elementos principais de suas obras. O diálogo é pedagógico. Freire também defende a empatia pelo ser humano como maneira de conhecer e entender o outro.

Em relação a Bauman, também depreende o diálogo como forma de um resgate de algo que era comum antes das redes sociais, presença na Modernidade Sólida; no entanto, no mundo que compartilhamos, tememos dialogar, vivemos em um mundo onde qualquer estranho é observado com desconfiança, ainda mais quando qualquer pessoa pode se passar por quem quiser em uma rede social. Nesse âmbito, as leituras de Bauman nos alertam para o enredamento em que nos envolvemos na sociedade líquida, não podemos confiar em, praticamente, ninguém. Se continuarmos nessa lógica, no futuro, viveremos em um mundo vigiado e controlado como

na obra *1984*, de George Orwell. A supressão do diálogo, do enfrentamento, das convivências e relações, das participações nas ágoras, das fugas dos debates, são manifestações da decadência antropológica, da natureza humana, que reforçam o solipsismo, o isolamento social, o afastamento do mundo político, das compreensões do compromisso que envolve a todos e todas no mundo que compartilhamos. Similarmente, esses comportamentos de fechamento em bolhas sociais, em células personalistas, são manifestações de formas antissociais que passam a existir com mais força, como movimentos fascistas, nazistas, absolutistas e fundamentalistas.

O anonimato parece se impor como regra, exceto quando alude ao consumismo, que, segundo Bauman, pode curar temporariamente os vazios existenciais, as dores emocionais, as angústias mentais e talvez todo tipo de problemas gerados pela ambivalência. No entanto, o consumismo não resolve os problemas estruturais da sociedade, não promove transformações profundas, não faz o ser humano crescer e não resgata a ontologia e a antropologia da condição humana e da vida em todas as suas formas e manifestações. (Cassol; Moll, 2024).

Para Bauman, na *Modernidade Líquida*, as pessoas, muitas vezes, são tratadas como objetos, e, quando não como mercadorias, especialmente aquelas que não atendem aos padrões de competitividade exigidos, são rapidamente descartadas e substituídas por indivíduos mais capacitados ou que se ajustem melhor às demandas do mercado. Esses homens e mulheres substituídos acabam formando uma espécie de reserva de mão de obra, cuja existência exerce uma pressão constante sobre os demais, reforçando a ideia de que é necessário manter-se sempre competitivo no mercado de trabalho, sob pena de também ser descartado. Nessa direção, a volatilização das formas de exclusão não leva em consideração os sentimentos, as angústias e os problemas de homens e mulheres, jovens e crianças que acabam por perceber que ser substituído é normal, comum, corriqueiro e do processo, da dinâmica da existência.

Quiçá o diálogo de Paulo Freire seja uma saída em um contexto tão individualista e desumano em que vivemos. A Educação pode contribuir, também, na preparação das pessoas para as instabilidades da *Modernidade Líquida*, maiormente no fomento às capacidades e habilidades de diálogo. Todavia, ainda temos uma tarefa colossal em alfabetizar milhões de homens, mulheres, adolescentes e crianças. Iniciativas como as de Freire são ações a serem consideradas no mundo globalizado. Com isso, compreendemos que não podemos mudar o mundo, sem mudarmos o local, o espaço no qual vivemos, nós, as pessoas. Aqui, podemos relacionar Bauman, de *Estranhos à nossa porta* (2017) e de *Estado de crise* (2016), publicação com Carlo Bordoni, com as obras de Paulo Freire, precipuamente *Pedagogia do oprimido* (1987), e dialogar com Boaventura de Sousa Santos (2005), quando afirma que é preciso pensar globalmente, mas agir localmente.

Sentimos que, na realidade atual, homens e mulheres fecharam-se para a solidariedade, para os relacionamentos, enfraquecendo o compromisso, a compreensão da coletividade. Quais homens e mulheres estamos formando para o futuro? Possivelmente esse seja o grande desafio para as próximas décadas, para as atualizações curriculares, para as mudanças que precisam começar nas pequenas comunidades, nos pequenos e mais próximos de nós, espaços de relações, de convivências. Seria pelas vias de ensinar empatia, solidariedade, a conviver e a entender a natureza humana? Ponderamos que, Bauman e Freire tentam de, formas diferentes, encontrar soluções para essa realidade líquida que liquefaz a tudo e a todos e todas.

Há quem acredita e ecoa que a evolução da humanidade segue por um caminho de liberdade, porém no seio da Modernidade Líquida. Nessa esfera, o que se tem percebido é uma competição materialista entre indivíduos que acaba por desumanizar. Independentemente da época histórico-social, homens e mulheres sempre tiveram que se adaptar às mudanças tecnológicas, de comportamento, de estilos de vida, de contexto social e econômico. Chegamos na Modernidade Líquida e as pessoas ainda clamam por uma vida mais plena, feliz e mais digna.

Freire tinha uma preocupação com a formação de uma consciência crítica, pois, à medida que o ser humano consegue assimilar, também pode mudar a si mesmo e iniciar a transformação do seu entorno. Dessa maneira, ele pode realizar uma transformação social e agir como uma espécie de intelectual orgânico, consoante Gramsci (1982) já ensinou.

A Educação, para Freire, é uma prática libertadora e não opressora por essa via. Podemos depreender que, quando os educandos/as conhecem suas realidades, têm condições de realizar melhores escolhas e construir um mundo melhor, mais justo, com equidade, mesmo em um mundo em constante transformação, como é o caso da Modernidade Líquida. Em relação a essa instabilidade da Modernidade Líquida, Bauman tinha uma preocupação com a necessidade constante de adaptação em um cenário que está sempre em transformação, com mudanças abruptas e imprevisíveis. É preciso preparação, formação, conhecimento, ciência e luta constante, permanente.

Talvez possamos concluir que Paulo Freire, muito provavelmente, veria a Modernidade Líquida como oposta ao que sempre pregou em suas obras, mas, também, como uma oportunidade para repensarmos a Educação, a vida dos homens e das mulheres, dos/as estudantes e docentes, dos trabalhadores/as. Alguma contradição que já está na Modernidade Líquida ou, como encontramos em Scocuglia (2008, p. 334), ao referir que para Paulo Freire, a pós-modernidade:

É a compreensão realmente dialética da confrontação e dos conflitos e não sua inteligência mecanicista [...]. Em lugar da decretação de uma nova história sem classes sociais, sem ideologias, sem luta, sem utopia e sem sonho, o que a continuidade mundial nega contundentemente, o que temos que fazer é repor o ser humano que atua, que odeia, que cria e recria, que sabe e que ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que é tanto o que herda quanto o que adquire, no centro, das nossas preocupações.

Temos, assim, duas forças motrizes poderosas: a transformação da realidade e do comportamento humano, frutos ou consequências do desenvolvimento da tecnologia e de todos os elementos ligados a esse setor e à ambivalência que são os desafios gerados pelo próprio desenvolvimento tecnológico e racional.

Distinguimos, alhures, com Bauman, que além do individualismo, do consumismo e tantos outros acontecimentos e elementos que aceleraram o dia a dia das pessoas e criam um mundo complexo, relativista, de anulação da alteridade, a utilidade das outras pessoas é mais importante que suas presenças e proximidades. Este é o contexto da Modernidade Líquida.

Em diálogo com Freire, consideramos que, para enfrentarmos a Modernidade Líquida, precisamos de uma Educação de qualidade humanista e científica, que promova a emancipação, o empoderamento, a humanização, com senso de criticidade e ensino voltado à conscientização. Ao mesmo tempo, utilizarmos, como conhecimento, a própria realidade e trabalharmos temas que fazem sentido para educandos/as e que, também, possam ser trabalhados de diversas formas, conectando as realidades para auxiliar na construção de um conhecimento enquanto processo permanente.

O que deixaremos para as gerações futuras dependerá do que fizemos ou estamos fazendo no e do mundo agora. Necessitamos de conhecimento, de ciência e humanização para despertarmos as consciências das pessoas com as quais desenvolvemos nossos processos pedagógicos, nossos diálogos, enquanto professores e professoras, enquanto pessoas de compromisso. Do mesmo modo que o/a garimpeiro/a precisa peneirar muitas pedras para encontrar uma rara pepita de ouro, ou seja, uma consciência ampla, alargada, intersubjetiva e sábia o suficiente para entender que no universo tudo está interligado. Consciência e conhecimento são, para nós, elementos de um mesmo conjunto. Não podemos ensinar um/a educando/a a pensar sem que algo toque sua consciência, sem que faça sentido, que impacte sua mente. Freire confiava que o/a educando/a não é somente agente passivo do seu conhecimento, alguém que só recebe o conhecimento de forma automática e sem sentido prático. É preciso considerar que somos pessoas diferentes, vivemos, muitas vezes, em conjunturas diferentes, somos impactados/as de maneiras distintas pelos acontecimentos ao longo da história e nos cotidianos.

Aqui, vemos, também, o Freire avesso à Educação bancária, na qual os/as educandos/as recebem o conhecimento passivamente, sem que, necessariamente, faça algum sentido para suas vidas. Portanto, “uma tarefa fundamental no ato de educar, ligada a outros princípios basilares da prática educativa, seria fundamentalmente a autonomia do direito pessoal na construção de uma sociedade democrática que a todos respeita e dignifica” (Machado, 2008, p. 74).

Destacamos, também, na compreensão de Kronbauer (2008, p. 37), outro elemento importante da teoria educacional de Paulo Freire, a ação-reflexão, que faz parte do seu ideário:

Ação-reflexão é expressão recorrente na obra de Freire. Ela designa o binômio da unidade dialética da práxis, supondo que esta seja o fazer e o saber reflexivo da ação. O saber que realimenta criticamente o fazer, cujo resultado incide novamente sobre o saber e, assim, ambos se refazem continuamente.

Logo mais adiante, Dalla Vecchia (2008, p. 41), ainda no *Dicionário Paulo Freire*, acrescenta que:

No projeto pedagógico e antropológico de Freire, o homem se torna liberto à medida que for capaz de ser autônomo, assumir a decisão pela mudança de si e da sociedade, através da educação permeada pela afetividade, pelo diálogo, pelo questionamento, pela conscientização oriunda de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança.

Esses dois fragmentos podem soar quase como uma resposta de Freire aos questionamentos de Bauman. Mesmo assim, não podemos cair na ingenuidade de crermos que a Modernidade Líquida trará soluções rápidas ou fáceis. Ao contrário: vivemos em um mundo ambivalente que exige, cada vez mais, a práxis do diálogo, da solidariedade e processos científicos e humanistas que incorporem esses aprendizados no cotidiano escolar e do mundo da vida.

Tanto para Bauman quanto para Freire, as resoluções para superar os processos solipsistas e retomar a construção do espírito de comunidade, de solidariedade, parecem ser a formação permanente de caráter integral. Os indivíduos, as pessoas, têm valor em si; não como atributos capitalistas e consumistas. Nessa realidade, as juventudes sofrem as influências das redes sociais e dos jogos eletrônicos, das mídias digitais e são as parcelas da população, juntamente com as crianças, que mais se afeiçoam aos apelos da Modernidade Líquida, aos encantos da sereia. Estão em um período de descobertas, de autoconhecimento, mais propensos/as às fragilidades, perigos e enganações das organizações da liberdade através de discursos de retórica apelativa e hedonista. Basta uma cena, uma fala, de personagem idealizado

que os indivíduos, sem maturidade ou, na compreensão freireana, sem consciência, deixam escorrer, diluir, desconstruir o que a educação, a ciência, leva um bom tempo para construir.

Em *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*, Bauman (2004, p. 7) escreve sobre o humano sem vínculos, que provavelmente seja o retrato mais fiel dos indivíduos da Modernidade Líquida. Acerca disso, explica que

Ulrich, o herói do grande romance de Robert Musil, era – como anunciava o título da obra – *Der Mann ohne Eigenschaften*: o homem sem qualidades. Não tendo qualidades próprias, herdadas ou adquiridas e incorporadas, Ulrich teve de produzir por conta própria quaisquer qualidades que desejasse possuir, usando a perspicácia e a sagacidade de que era dotado; mas nenhuma delas tinha a garantia de perdurar indefinidamente num mundo repleto de sinais confusos, propenso a mudar com rapidez e de forma imprevisível.

Essa história é uma metáfora da vida de muitos/as jovens no mundo que compartilhamos, de Modernidade Líquida de Bauman. Imaginamos como as juventudes terão alguma referência em um mundo onde as famílias tenham vínculos diluídos, voláteis, líquidos, onde um novo relacionamento é muito melhor, mais prático, mais rápido do que consertar o antigo. Há indivíduos que não conseguem compreender ou aceitar as novas configurações familiares. Lembremos que a Modernidade Sólida também não se configura em nenhum paraíso. Mas, com Bauman (2004, p. 7), retomamos a ideia da liquidez para entender através de

Mann ohne Verwandtschaften – o homem sem vínculos, e particularmente vínculos imutáveis como os de parentesco no tempo de Ulrich. Não tendo ligações indissolúveis e definitivas, o herói de seu livro – o cidadão de nossa Líquida sociedade moderna – e seus atuais sucessores são obrigados a amarrar um ao outro, por iniciativa, habilidades e dedicação próprias, os laços que porventura pretendam usar com o restante da humanidade.

Diversos problemas assombram a Modernidade Líquida, muitos dos quais já foram abordados neste texto. As estruturas sociais que, na Modernidade Sólida, eram motivo de orgulho e considerados eternos, hoje estão em ruínas. Enquanto antes prevaleciam regras bem definidas, atualmente vivemos um cenário de relativismo, no qual homens e mulheres perdem suas referências e valores. Talvez a humanidade leve séculos para superar os desafios impostos por essa era de liquidez e instabilidade.

Em vários aspectos, a Modernidade Líquida deixa milhões de pessoas livres, todavia por conta própria, ou seja, nada mais é estável, nada é mais garantido, tudo se liquefaz como a água. Vivemos em um mundo cheio de oportunidades, mas também cheio de problemas e

complexidades; os desafios para as próximas gerações serão enormes. São alguns dos elementos problemáticos que envolvem o mundo líquido moderno, no campo dos problemas sociais, econômicos, da geopolítica, que tornam difícil saber que mundo surgirá.

A natureza humana, em sua particularidade, ao atuar diante de incertezas, revela-se por vezes imprevisível, sendo capaz de realizar feitos heroicos ou de adotar comportamentos não éticos. Contudo, na condição de Modernidade Líquida, observamos uma maior frequência e intensidade das contingências, fenômenos possivelmente agravados pela influência dos meios de comunicação e da mídia, os quais dificultam a atuação efetiva da Educação. Perguntamos, então, onde podemos melhorar para desenvolver as capacidades e potencialidades de educandos/as? Como educar quem tem fome? Como educar alguém que não conseguiu dormir em razão do pai ser violento? Como educar uma criança que convive com abuso e marginalidade? Como educar um/a aluno/a que está envolvido/a nas drogas? Como educar alguém que não tem amigos e que sofre *bullying*? Como educar quem não tem ninguém para dar apoio ou abrigo? São muitas perguntas com poucas respostas ou soluções difíceis que exigem sacrifícios. Porém, parece-nos que, na Modernidade Líquida, a maioria das pessoas são avessas ao sofrimento, aos sacrifícios ou a quaisquer esforços. As preferências são pelas zonas de conforto nos isolamentos de seus mundos, cultuando crenças que estarão livres dos problemas.

É preciso que consideremos, também, as dimensões mais progressistas do mundo líquido e, nesse movimento, encontramos o acesso ao conhecimento. Há, nesse ponto, uma possibilidade de despertar da humanidade. O acesso ao conhecimento é formação da consciência crítica e caminho para a construção de vias para superar a opressão

Nessa perspectiva, há uma esperança para a Educação libertadora e transformadora pelos caminhos do despertar da ética, do respeito, da moral e do compromisso com a vida. Possivelmente algo utópico, quiçá difícil, mas o desenvolvimento de outra cultura, de outro mundo, com amorosidade, esperança, seja possível, como nos ensina Freire. Um outro horizonte de ação, também, para o/a educador/a, para a ação educativa, é, junto com a família, que têm um papel fundamental no sentido do desenvolvimento das personalidades, dos caracteres de seus membros, operar na solidariedade, na dialogicidade, na esperança de um futuro melhor. É a cultura da esperança que, conforme Freire (1992, p. 10) é “necessidade ontológica”, “imperativo excepcional e histórico”, como doação, como serviço de amor ao próximo para manter a esperança.

O professor Streck (2008, p. 205) assevera que “o papel do educador e da educadora é cuidar para que a esperança não se desvie e não se perca, caindo ou na desesperança ou no

desespero”, especialmente no mundo líquido moderno, repleto de movimento, de transformações, com seus laços superficiais, individualistas, egoístas e consumistas. Como dissemos, consciência e diálogo são elementos importantes para Freire. São necessários para compreender a realidade que, segundo Bauman, é complexa e instável, demonstração de que, talvez, nunca na história da humanidade, tenhamos vivido períodos tão conturbados e imprevisíveis no âmbito das ideias, das compreensões.

Em relação às mídias, os indivíduos não conseguem dissociar as figuras públicas do ser humano, de seu personagem. Apresenta-se difícil ensinar e convencer os educandos/as da necessidade e da importância da integridade, da honestidade, entre outros valores necessários para a construção de uma sociedade justa e humana. As juventudes não querem mais sofrer com essa realidade. Em uma hora se sentem super-heróis e em outros momentos depressivos com os efeitos de suas decisões, escolhas precipitadas ou mal planejadas e não há ninguém para socorrer. A Modernidade Líquida tornou a vida cruelmente superficial, criou um vazio existencial. O que provavelmente salvará a humanidade não é o desenvolvimento tecnológico, embora seja um aspecto que ajuda, mas outro tipo de desenvolvimento, mais ético, cognitivo, dialógico, humanista e científico de compromisso social, portanto, para todos e todas. Por esse motivo, a formação de profissionais capazes e comprometidos/as em desenvolver uma consciência ampla do mundo, com uma Educação de qualidade, mostra-se como uma pequena semente que, no futuro, pode frutificar.

No que tange ao tema da família, Bauman argumenta que, à medida que os relacionamentos se tornam mais superficiais, torna-se também maior a complexidade do entendimento necessário para compreender a realidade. Por sua vez, Freire atribui à família uma importância primordial na formação das novas gerações, ressaltando que ela constitui um espaço essencial para o desenvolvimento da identidade dos/as educandos/as. É na família que se consolidam valores, crenças e visões de mundo, os quais exercem influência direta no crescimento pessoal e social do indivíduo.

Freire sustenta que a família é um importante espaço para o diálogo, e a função dessa prática social, condição ontológica do ser humano, ajuda na construção do senso crítico. A família também deve priorizar a formação de um espaço de liberdade e respeito, o que ajudará na construção da autonomia dos indivíduos. Freire enfatiza, nesse prisma, a responsabilidade social da família que deve colaborar com o senso de cidadania e de compromisso social.

A comunidade é outro elemento relevante para a Educação na compreensão de Bauman. É uma instituição que tem contribuições fundamentais na socialização dos indivíduos e, mesmo que o autor tenha uma visão mais sociológica, não deixa de ser pertinente para o estudo da

Educação contemporânea. Bauman afirma que as comunidades são menos fixas e estáveis, o que reflete as relações na própria Modernidade Líquida, mais efêmeras e flexíveis em comparação às antigas comunidades da Modernidade Sólida. Os indivíduos buscam, dentro das comunidades líquidas, as mesmas coisas que buscavam nas comunidades antigas: um sentido de pertencimento e uma identidade.

Em suas obras, Paulo Freire destaca o papel essencial da comunidade na formação dos indivíduos, ao reconhecer que a troca de experiências entre seus membros mais experientes e os mais jovens gera benefícios mútuos. Para Freire, a Educação é, em sua essência, uma construção coletiva, e é justamente no seio da comunidade que os sujeitos desenvolvem a consciência crítica e ampliam seu conhecimento sobre a realidade que os cerca. Nesse processo, elementos como a socialização, a escolarização, as relações sociais e o ambiente de trabalho desempenham um papel fundamental na constituição dos indivíduos enquanto membros ativos da coletividade.

Todos esses valores, e outros que não citamos, definem a forma como os indivíduos compreendem, pensam e agem nos seus cotidianos, nas comunidades e no mundo do trabalho. São ações de importância social na construção de valores pessoais e na coletividade. Uma das características da Modernidade Sólida, principalmente no período da Revolução Industrial, era a crença no progresso e no trabalho como um valor fundamental na construção de uma nação forte e poderosa. “Entre os princípios sacrossantos da ética burguesa segura e assertiva, como ‘honestidade é a melhor política’, ‘*auspicium melioris aevi*’ ou ‘lei e ordem’, um preceito chama atenção por sua firme e segura brevidade: ‘Para frente’”, cita Bauman (1999, p. 164), o lema que se encontra no portal da Prefeitura de Leeds, na Inglaterra, cidade em que viveu seus últimos 50 anos. Na continuidade da análise, escreve que “ao contrário do visitante contemporâneo da Prefeitura, os antigos cidadãos que compuseram o código, não terão tido dúvidas sobre o seu significado” (Bauman, 1999, p. 164).

Esses pensamentos ressaltam a crença no trabalho como uma das atividades responsáveis pelo progresso da humanidade e nos valores que na Modernidade Líquida estão sendo revistos ou até mesmo contestados. Na Modernidade Sólida, o trabalho, junto com outros conceitos, como a ciência e o progresso, são crenças que expressam o poder salvador da humanidade e resolvem os problemas. Ao entendermos essas relações, a partir do paradigma da ambivalência, quando se resolve um problema, surgem outros. Nessa acepção, para Bauman, o trabalho que outrora era sinônimo de esperança e segurança em um futuro melhor, com as transformações sociais e econômicas da Modernidade Líquida, como a globalização e o neoliberalismo, as tecnologias midiáticas e a força da era digital, tornaram-se em símbolos de

desenvolvimento econômico e social, mas trouxeram, também, a instabilidade, a precarização da vida, das regulações, das governanças, sem garantias de segurança que se torna algo temporário sem uma definição de dignidade.

A Modernidade Líquida trouxe a precarização dos empregos com a promessa de liberdade, gerando incerteza e preocupações para o trabalhadores contemporâneos que, em muitos casos, podem trabalhar a qualquer hora, desde que atinjam as metas estabelecidas, isto é, não precisam mais serem escravos dos horários, mas se tornam escravos das metas estabelecidas – caso não sejam alcançadas, haverão substitutos por valores salariais bem menores, desenvolvendo insegurança nos indivíduos, uma pressão psicológica muito grande e, no final, para atender as metas estabelecidas, ou vivemos sem dinheiro ou temos dinheiro e vivemos somente para a empresa.

Nesse campo de análise, a tecnologia com seus artefatos, mecanismos e equipamentos pode substituir centenas ou milhares de pessoas de uma única vez, retirando-os/as de seus postos de trabalho, obrigando-os/as a subempregos, à informalidade ou sendo forçados/as a migrarem para outras regiões ou países. É uma outra causa de conflitos, pois imigrantes têm sido acusados de roubar vagas de empregos. Muros são construídos, como entre Estados Unidos e México, para impedir que o Sul do mundo, as pessoas ao Sul do Equador, compartilhem da riqueza do Norte, por vezes construída a partir do empobrecimento do Sul.

Diante de desafios tão complexos como o desemprego, a fome, a miséria, a marginalização e a desumanização, Paulo Freire apresenta uma resposta poderosa: a esperança aliada à conscientização. Em suas obras, percebemos claramente sua crença nesses princípios como instrumentos elementares à transformação social. Nessa lógica, quando uma empresa se instala em uma comunidade, cidade ou região, é imprescindível que assuma responsabilidades não apenas econômicas, mas também sociais e ambientais. Ademais, cada trabalhador deve receber um salário digno, capaz de garantir sua subsistência e a de sua família, contribuindo para uma sociedade mais justa, equitativa e humanizada.

2.2.1 Dinamismo na Modernidade Líquida

A Modernidade Líquida, caracterizada como um cenário de constantes transformações, onde nada parece durar e a fluidez das relações, das instituições e dos valores desafia modelos tradicionais de estabilidade impacta a Educação também, tendo seus fundamentos questionados face às exigências do mundo contemporâneo. A rigidez de métodos, estruturas e valores antes tidos como referenciais passa a ser vista sob uma nova ótica, especialmente quando confrontada

com as demandas de um mercado cada vez mais volátil e pragmático. É a partir dessa percepção que Bauman nos oferece uma análise crítica sobre como os princípios da Educação ortodoxa colidem com os imperativos do tempo presente:

Em nosso mundo volátil, de mudanças instantâneas e erráticas, os objetivos últimos da educação ortodoxa, com hábitos estabelecidos, estruturas cognitivas sólidas e preferências valorativas estáveis, se tornam desvantagens. Pelo menos é assim que foram definidos pelo mercado de conhecimento, no qual – como em todos os mercados de todos os produtos – lealdade, compromissos de longo prazo e vínculos indestrutíveis são anátema, obstáculos a tirar do caminho e como tal tratados (Bauman, 2010, p. 117).

Como algo positivo, a Modernidade Líquida deu acesso para homens e mulheres a uma liberdade que antes era somente sonhada. Ocorreu um fluxo de ideias e pessoas que na Modernidade Sólida era imaginável. Porém, essas ideias implementaram o neoliberalismo, a globalização e trouxeram a possibilidade de riqueza, praticamente, infinita, concentrada nas mãos de cada vez menos pessoas. Por outro lado, iluminaram a possibilidade de acesso a um ensino de qualidade humanista e científico, de modo mais universalizado.

Entendemos que os/as educandos/as da atualidade vivem em contextos marcados por relações muito mais instáveis e voláteis do que aquelas vivenciadas por seus pais e responsáveis, os quais experimentaram vínculos mais sólidos e duradouros. Conforme Zygmunt Bauman, essa mudança contribui para o surgimento de conflitos geracionais e certa dificuldade de compreensão mútua entre as diferentes gerações. Enquanto nas gerações anteriores havia um maior senso de coletividade, na Modernidade Líquida, observamos uma valorização crescente do individualismo, em que o foco se desloca da comunidade para o indivíduo e suas experiências pessoais. Essa tendência é facilmente perceptível, por exemplo, no uso das redes sociais, onde muitos jovens compartilham momentos de lazer, férias e viagens como uma forma de expor suas vivências e, muitas vezes, disputar simbolicamente quem leva uma vida mais plena ou “feliz”, salientando o ideal contemporâneo de acumular experiências singulares e visivelmente marcantes.

Atentamos que, na dinâmica da Modernidade Líquida, a felicidade é relativa, pois não é possível medirmo-la por experiências vividas ou demonstradas nas redes sociais, dado que não sabemos quais os sacrifícios e angústias que os indivíduos passam atualmente para demonstrar aos outros somente o lado feliz de sua vida. Por isso precisamos de uma Educação integral, que privilegia o humanismo e a cientificidade, considerando as capacidades cognitivas, mas que não privilegie o acúmulo de informações, até porque qualquer conteúdo sem uma contextualização acaba se fragmentando e tornando-se sem sentido.

Os/as educandos/as de hoje, dependendo de suas condições sociais, têm acesso a informações ilimitada, muito mais do que seus antepassados sonharam um dia, entretanto, por outro lado, muitos/as alunos/as de escolas públicas não possuem nem eletricidade em suas casas, então, como esses indivíduos podem competir em condições de igualdade no mercado de trabalho? O ideal seria que ambos tivessem as mesmas oportunidades, o que, na atualidade dinâmica da Modernidade Líquida, é impossível, principalmente porque parte dessa liquidez e volatilidade advém do neo e do ultraliberalismo. Acerca deste cenário, Bauman, em suas obras, tem muitas incertezas em se tratando do futuro da Educação.

A dinâmica da Modernidade Líquida trouxe consigo diversos avanços e recursos úteis à vida contemporânea, tal como revelou uma ambivalência profunda, sobretudo para aqueles em situação de maior vulnerabilidade social e econômica. Para muitos/as educandos/as, além da já presente exclusão social, soma-se a exclusão tecnológica, limitando ainda mais o acesso a oportunidades e, conseqüentemente, a uma vida mais digna. Embora não seja possível prevermos com exatidão as conseqüências globais dessa exclusão massiva, é visível, mesmo em países considerados desenvolvidos, o agravamento das desigualdades sociais e econômicas, o que evidencia a urgência de repensar práticas educacionais e políticas públicas mais inclusivas e equitativas.

2.2.2 Concepção de fluidez na Modernidade Líquida

Como algo negativo, a Modernidade Líquida retirou o acesso a milhões de homens e mulheres das opções de um emprego digno, deixando-as à mercê da própria sorte, em vez do que faziam os Estados Nacionais ao conceder direitos da cidadania. Hoje, grande número de cidadãos e cidadãs vivem como de segunda classe ou, até mesmo, em campos de refugiados sem direito à assistência médica, à liberdade, à educação, entre outros direitos fundamentais como saúde, lazer e, mesmo, dignidade.

A desigualdade também tem aumentado assustadoramente. Algumas crianças têm acesso à tecnologia e Educação de alto nível. Outras, a grande maioria, não possuem nem um lar ou mesmo uma escola adequada. De modo geral, a Educação, no panorama atual, não consegue acompanhar as transformações da sociedade e está encantada com o mercado de trabalho. Desafios como a falta de incentivo e a desvalorização de profissionais da Educação acabam desmotivando.

Infelizmente, o ensino está pedindo socorro pela falta de investimentos, pelos baixos salários, pelo afastamento das famílias do cenário escolar. A Educação não é só um problema

da escola, e sim da sociedade, posto que é o ensino que promove o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Consideramos como fundamental a implementação de políticas públicas que priorizem a valorização da Educação, e não apenas setores da economia voltados exclusivamente ao lucro e à especulação financeira. Com frequência, tais setores beneficiam uma minoria que, em muitos casos, destina seus recursos a paraísos fiscais, impedindo que esses valores retornem à sociedade. Enquanto isso, grande parte da população permanece à espera de serviços essenciais, como atendimento digno nos hospitais públicos e recursos básicos para as escolas, incluindo uma alimentação escolar adequada.

Em muitos casos, estudantes que afirmam não gostar da escola comparecem diariamente não por interesse educacional, porém por necessidade – para garantir a única refeição do dia. Não raro, manifestam frustração quando não recebem uma alimentação mais substancial, resultado da limitação de recursos enfrentada por muitas instituições públicas de ensino. Essas manifestações, por vezes classificadas como simples reclamações, são, na verdade, expressões legítimas de cidadania – clamores por direitos, por dignidade e por existência. À luz do pensamento de Zygmunt Bauman e Paulo Freire, cabe-nos questionar: como esperar que alguém sem o que comer em casa possa se dedicar aos estudos? Como exigir aprendizagem significativa de estudantes que, muitas vezes, não têm acesso a professores motivados, valorizados e bem formados – quando há professores, já que a carência de profissionais na Educação pública é alarmante? Tal realidade compromete profundamente o processo de ensino e aprendizagem, causando enorme preocupação às famílias que dependem da escola pública, visto que o ensino privado se mostra inacessível para grande parte da população assalariada.

Outro desafio significativo enfrentado hodiernamente é o desinteresse de muitos/as educandos/as pela carreira docente, frequentemente percebida como uma profissão marcada por sacrifícios e carente de valorização social e econômica. Dessa maneira, torna-se urgente fomentar, entre os jovens, o amor pelo conhecimento, pela ciência e, sobretudo, pela Educação, reconhecendo-a como um instrumento transformador, primordial para o desenvolvimento pessoal e coletivo.

Nesse sentido, surge mais uma frente de luta pela implementação de políticas públicas que efetivamente valorizem o ensino, pois é através da Educação que podemos articular o futuro de um país que, hoje, encontra-se à deriva, ao passo que uma minoria se beneficia de uma especulação que gera pobreza e desesperança. Conforme Paulo Freire, não alcançaremos uma sociedade igualitária, fraterna e solidária, que valoriza o trabalho e a dignidade humana, enquanto perdurar a exploração social e econômica de indivíduos que, de maneira injusta,

apropriam-se dos recursos de toda uma nação, tratando-os como se fossem privados. A sociedade precisa ser mais justa e igualitária, com uma distribuição equitativa de recursos, uma vez que a desigualdade origina inúmeros problemas sociais e econômicos que afetam todos os aspectos da convivência humana

3 A EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE A PARTIR DE BAUMAN

Embora pareça contraditório, a expansão industrial, de certa forma, contribuiu para a disseminação da Educação, principalmente nas regiões mais industrializadas, uma vez que a indústria necessitava de uma mão de obra qualificada. A ampliação do número de instituições escolares tornou-se uma necessidade urgente, apesar de que a Educação oferecida fosse essencialmente elementar, voltada somente para atender às demandas específicas da indústria.

3.1 Modernidade Sólida e Educação: algumas concepções teóricas de base

A modernidade sólida, conquanto centrada na busca por estabilidade e certezas, também trouxe consigo a visão de um mundo em constante expansão de conhecimento e informação. As ideias sobre o papel da Educação se transformaram, refletindo as novas necessidades da sociedade. O avanço das civilizações passou a ser compreendido como um movimento contínuo em direção à globalização, o ensino se tornaria o instrumento basilar para a promoção da liberdade e do acesso ao conhecimento. Como afirma Bauman, nas duas frentes desse avanço, a “meta final” do progresso foi claramente visualizada desde o início:

Nas duas frentes, a “meta final” do avanço – o fim da guerra – foi claramente visualizada desde o início: todos os espaços vazios deviam ser eventualmente preenchidos, cabia criar um *mapa mundi* completo e, enfim, seriam oferecidas aos membros da espécie humana todas as informações necessárias e suficientes para se movimentarem livremente pelo mundo, com a provisão do número de canais de transmissão educacional necessária (Bauman, 2010, p. 122).

Nessa linha, a Educação e o conhecimento se configuraram como ferramentas para a expansão e compreensão do mundo. A ideia de preencher os “espaços vazios” e criar um “mapa mundi completo” reflete o desejo de universalizar o saber, tornando-o acessível para todos. Para Bauman, a Educação seria a chave para permitir que os indivíduos se movessem livremente pelo mundo, com a provisão de canais de transmissão de conhecimento adequados. Porém, é importante considerarmos que, no final do século XVIII, a realidade do mundo era muito distinta da nossa, como aponta Hobsbawm, ao descrever um mundo que, embora fosse ao mesmo tempo menor e maior do que o atual, ainda estava longe de ser globalizado ou amplamente acessível:

A primeira coisa a observar sobre o mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até

mesmo os homens mais instruídos e bem-informados da época — digamos, um homem como o cientista e viajante Alexander von Humboldt (1769-1859) — conheciam somente pedaços do mundo habitado. (Os “mundos conhecidos” de comunidades menos evoluídas e expansionistas do que as da Europa Ocidental eram obviamente ainda menores, reduzindo-se a minúsculos segmentos da terra onde os analfabetos camponeses sicilianos ou o agricultor das montanhas de Burma viviam suas vidas, e para além dos quais tudo era e sempre seria eternamente desconhecido). (Hobsbawm, 1997, p. 12).

Hobsbawm, na obra *A Era das Revoluções: Europa 1789- 1848* (1997), e Bauman, na obra *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno* (2010), consideram, tanto na Modernidade Sólida, como na Modernidade Líquida, a ideia de criar um mundo livre e feliz, árduo e inalcançável, pois, em nossa compreensão, a ganância de alguns e a ignorância de muitos acabam por destruir o sonho de uma sociedade plena e próspera.

Modernidade Sólida é associada à época em que as estruturas sociais, políticas e econômicas começaram a se solidificar com pretensões mais duradouras e estáveis. A sociedade ocidental, geralmente, situa-se entre os séculos XVI e XVII, com apogeu entre os séculos XVIII e XIX, um período que se alonga até a segunda metade do século XX quando, consoante Zygmunt Bauman, começa a Modernidade Líquida.

Para compreendermos a Modernidade Sólida, precisamos entender que o Renascimento, que surgiu no século XIV ao XVI, foi uma das principais bases do Iluminismo no século XVII e XVIII. Esses períodos distintos da história possuem algumas relações significativas como a valorização da razão e do conhecimento como respostas ao período medieval. O estudo das culturas clássicas com uma nova abordagem para a ciência, a arte e a filosofia focou no campo iluminista, na busca pela verdade por meio da razão, defendendo a lógica, a ciência e o progresso com ordem e como ordem.

O Renascimento introduziu uma compreensão de humanismo que defende a capacidade humana como fator predominante e a individualidade. O Iluminismo desse período promoveu uma proposta de direitos universais, paralelo à ideia de que a racionalidade traria progresso para a humanidade. Portanto, o Renascimento Iluminista recolocou o ser humano no centro do universo, em oposição ao teocentrismo da Idade Média. O progresso na ciência, também presenciado no Renascimento, com estudos de Galileu Galilei e Nicolau Copérnico, entre outros, que continuaram a questionar os conhecimentos, compreensões e rumos do pensamento científico e da sociedade, destacam, também, outros pensadores com ênfase empirista, contribuições para, através da observação, o surgimento do método científico e a valorização da razão, beneficiando a assimilação do mundo e o lugar do ser humano nele. Mudanças que favoreceram movimentos amplos e radicais como a Reforma Protestante, que desafiou a

autoridade da Igreja Católica e promoveu a diversidade religiosa, é exemplo das alterações na estrutura social e política da Europa e do mundo.

O contexto da Modernidade Sólida também pode ser encontrado na obra de Eric J. Hobsbawm, quando escreve acerca da dupla revolução – a Industrial e a Francesa – “se a economia do mundo do século XIX foi formada principalmente sob a influência da revolução industrial britânica, sua política e ideológica foram formadas fundamentalmente pela Revolução Francesa” (Hobsbawm, 1997, p. 97). As grandes potências, como a Inglaterra, fomentaram o neocolonialismo e a competitividade, resultando em uma corrida armamentista que teve como consequência a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

A Revolução Industrial também ajudou na formação de duas classes antagônicas: os donos dos meios de produção e os responsáveis por fornecer a força de trabalho, condições de exploração que fomentaram o desenvolvimento de ideologias que dividiram o mundo e ativaram calorosas discussões sobre a interferência do Estado na economia e na vida cotidiana dos cidadãos e das cidadãs. Na outra frente, a Revolução Francesa, conferiu bases ideológicas e estruturais para o Estado Moderno. Essa era das revoluções é fundamental para compreender a estrutura da Modernidade Sólida. A partir desse momento, o capitalismo se intensificou e despontou uma nova metodologia para avaliar a prosperidade das nações e dos povos: seu nível de industrialização. As culturas foram impactadas por essa nova forma de ver o mundo e o processo civilizatório se instalou a partir do eurocentrismo. Filmes como *O Último Samurai*, de 2003, mostram séculos de tradição sendo destruídos em nome da modernização, e o velho Oeste, com o filme *Dança com Lobos*, de 1990, retratam os conflitos entre culturas diferentes, não sem destruições provocadas e alimentadas pelo lucro. Os indígenas são apresentados como selvagens, sem cultura, não civilizados.

A globalização, a industrialização, as instituições políticas, sociais e econômicas demonstram que “a ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido às ideias europeias inicialmente através da influência francesa” (Hobsbawm, 1997, p. 98). Esse processo de transformação evidencia a abrangência e a intensidade das mudanças culturais e estruturais que moldaram o cenário global contemporâneo.

Na Educação da Modernidade Sólida, os/as educadores/as eram uma referência no conhecimento, não havia muitos outros canais que dessem outras perspectivas de aprendizado e, inclusive, de contestação. Docentes eram autoridades, respeitados/as social e culturalmente. A sociedade era caracterizada por uma ideia de progresso e confiança nas instituições como a família, a religião, o Estado, a escola, vistas como pilares sociais inabaláveis e eternos. As identidades e os papéis sociais eram bem definidos. Bauman descreve a Modernidade Sólida

como um período em que os maiores focos estavam na razão, na ordem e na previsibilidade e, de modo geral, todas as instituições seguiam um certo padrão, ademais de serem bastante confiáveis, estáveis e tinham um papel de referência social.

No campo da Educação, as escolas e as universidades desempenhavam papéis centrais na formação de estudantes. Quanto aos valores defendidos, eram os dos ricos comerciantes, que tinham o poder econômico, mas não tinham o poder político que estava nas mãos do clero e da aristocracia, como podemos observar no fragmento que segue.

Destacamos os valores da burguesia, o Iluminismo favoreceu o aumento dessa camada social. As tendências que marcaram o Iluminismo foram: a valorização do culto a razão e predominância da ciência; crença no aperfeiçoamento do homem e a liberdade política, econômica e religiosa (Cunha, 2008, p. 65).

O ser humano estava livre das amarras da ignorância, era um novo homem tão sonhado e discutido. Na prática, era somente a burguesia adquirindo o tão sonhado poder político para si.

Para continuarmos na teorização das contribuições do Iluminismo para a Modernidade Sólida, denotamos o que nos diz Cunha (2008, p. 65):

Para os iluministas, só através da razão (ciência) o homem poderia alcançar o conhecimento, a convivência harmoniosa em sociedade, a liberdade individual e a felicidade. A razão (ciência) era, portanto, a única orientação da sabedoria capaz de esclarecer qualquer problema, possibilitando ao homem a compreensão e o domínio da natureza.

Freire, em suas obras, destaca a esperança como um elemento substancial, pois ela nos fornece as forças necessárias para promover a transformação social e superar quaisquer formas de opressão. Dessa maneira, é imprescindível colaborarmos mutuamente, dado que, conforme afirmado por ele, a libertação individual só é possível por meio do esforço coletivo e do apoio mútuo.

O Iluminismo foi um movimento conduzido por diversos intelectuais que buscavam a emancipação tanto da influência da Igreja Católica quanto do despotismo da nobreza, cujas ações frequentemente resultavam no sofrimento da população, que arcava com as consequências das crises e os prejuízos causados por essas estruturas de poder. Nesse contexto, a insatisfação popular diante da exploração exercida pela elite da época culminou em revoltas, refletindo o desgaste do sistema vigente. No entanto, consoante Cunha (2008), o surgimento do Iluminismo não representou uma ruptura completa com o passado, mas o desenvolvimento de várias correntes que fortaleceram movimentos anteriores, como o Renascimento, a Reforma

Protestante e a Revolução Científica, contribuindo para o avanço do pensamento e das transformações sociais. Sendo assim, o início da Modernidade Sólida foi um período de despertar a ciência, o conhecimento e uma reação ao autoritarismo religioso e político da época, servindo de exemplo para muitas outras revoluções que aconteceram posteriormente.

No que concerne ao século XVIII, esse período marcou o auge da Revolução Industrial, um processo de transformação econômica e social de grande magnitude, além do surgimento das ideias iluministas e do conseqüente declínio do absolutismo. Contudo, nas obras de Zygmunt Bauman, não há uma atenção específica ao século XVIII, posto que o enfoque de suas pesquisas está na Modernidade Líquida, fenômeno que iniciou na segunda metade do século XX.

Com o Iluminismo, “no que tange à Educação, a crítica se levanta contra o classicismo decadente que perdera toda relevância social, e contra o sistema escolar que se recusava a pôr em prática novos métodos pedagógicos” (Cunha, 2008, p. 65-66). Jean-Jacques Rousseau, nesse período, revolucionou o ensino ao colocar a criança no centro de seu estudo sendo, por isso, considerado o pai da pedagogia. Rousseau acreditava que a Educação seria um instrumento para a reforma política e, por conseguinte, à transformação social. Paulo Freire também compartilha a ideia da transformação social através da Educação. Rousseau defendia uma Educação pública.

Na compreensão de Cunha (2008, p. 67), “influenciado pelas leituras de Rousseau, sobretudo de o Emílio, Johann Pestalozzi defendia os conceitos de criança, família e instrução”. Foi um pouco mais adiante na reforma educacional, não só focando na criança, mas na participação da família na instrução. Cunha (2008, p. 67) ensina que “Pestalozzi apresenta três aspectos fundamentais do processo educativo: o desenvolvimento intelectual, o crescimento moral e o relacionamento mestre-aluno”. Pestalozzi, a partir do que ensina Cunha (2008), defendia que a Educação deveria englobar o desenvolvimento intelectual, emocional e físico, o que indica um ensino integral que inclui habilidades sociais e valores, com foco na experiência com uma relação entre educador/a e educando/a, baseada no amor, no respeito e na valorização da autonomia.

Na concepção de Cunha (2008, p. 68):

Immanuel Kant, é outro filósofo que contribui para a educação na Modernidade Sólida. Deu ênfase à razão, à autonomia e ao desenvolvimento moral, como fica claro pela sua proposta na qual “O imperativo moral constitui-se num elemento fundamental do pensamento Kantiano”. Há, para Kant, “uma lei moral que nos obriga a cumprir os deveres da nossa humanidade, sobretudo o respeito pela humanidade em

nossa própria pessoa, como também no outro, nunca utilizando e tampouco permitindo que os outros nos utilizem para qualquer fim”.

Na teoria educacional de Kant, a Educação deve priorizar o desenvolvimento da razão. Para o autor, o ensino não servia somente para transmitir conhecimento, porém fazer com que o/a educando/a pensasse crítica e autonomamente, não obstante as influências externas. Assim, a Educação, para Kant, busca formar indivíduos autônomos, capazes de usar a razão para julgar de maneira ética e responsável, contribuindo para o progresso moral da sociedade.

Kant se tornou um crítico da Educação tradicional da época, não acreditava que a memorização e a obediência cega às regras desenvolveriam o senso crítico. Também que os/as estudantes deveriam interagir com o mundo e aprender com a prática. É nesse viés que compreende Cunha (2008, p. 68), ao escrever que “Kant insiste na importância da predisposição, por parte da criança, para desenvolver a bondade moral”. Para nós, há, aqui, indicativos que o/a educando/a têm capacidade de agir de modo moral e de seguir princípios éticos porque, para ele, a moralidade acompanha a razão e, por isso, estudantes, como seres racionais, conseguem entender o que é certo e o que é errado.

Nesse rumo, “o treino e a disciplina são necessários para desenvolver predisposição em direção ao crescimento moral” (Cunha, 2008, p. 68). Então, “o principal objetivo do processo educativo é um mundo moral e socialmente regenerado” (Cunha, 2008, p. 68), visto que o/a educando/a têm, naturalmente, boa índole. Entretanto considerava que as pessoas poderiam ceder ao egoísmo ou a comportamentos imorais. Acreditava, também, no potencial moral dos/as educandos/as, já que nem todos os indivíduos são bons por natureza.

Na percepção de Cunha (2008, p. 69), “Johann Friedrich Herbart também foi outro defensor da moralidade enquanto objetivo maior do ato educativo”. Herbart reputava que a Educação era fundamental na formação moral e na construção de uma sociedade ética. É nessa lógica que “a proposta educacional de Herbart aspirava à formação do homem tendo como base a moral e a virtude” (Cunha, 2008, p. 69). A moralidade, então, não era somente uma questão de regras ou obrigações, contudo uma parte importante da formação, porque a proposta de Herbart, “além da simples instrução, visava moldar os desejos e a vontade das pessoas” (Cunha, 2008, p. 69). Dessa forma, a educação deveria ir muito além de adquirir conhecimentos para desenvolver o caráter.

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher e, também, na compreensão de Cunha (2008), foi um filósofo que se ocupou das questões da Educação ao dar relevantes contribuições ao campo da filosofia da religião e para o campo da hermenêutica. Para melhor entendimento, a hermenêutica está relacionada à teoria da interpretação de textos e possui funções pertinentes à

Educação como, por exemplo, nas análises de textos literários, filosóficos ou científicos, entre outros. A hermenêutica auxilia no desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando que educandos/as reflitam, questionem e desenvolvam habilidades analíticas, interpretativas e críticas. Para isso, promove o diálogo entre diferentes visões interpretativas, colaborando para o debate e ensinando a respeitar e compreender visões, teorias e concepções diferentes. Essa área do conhecimento, a hermenêutica, também contribui com educadores/as na assimilação de suas abordagens educativas, no êxito em relação ao contexto educacional e a reconhecer diferentes cenários sociais e culturais que influenciam na formação pessoal enquanto docente e de seus/as alunos/as.

No *Dicionário Paulo Freire*, ao se referir à hermenêutica, Bombassaro (2008, p. 256), compreende que há, nas reflexões pedagógicas freireanas, não somente matrizes hegeliano-marxistas, também orientação estruturalista, existencialista e humanista cristã. A hermenêutica de Paulo Freire está profundamente ligada ao diálogo e à conscientização, essenciais para a formação, portanto, elementos da práxis pedagógico-educativa. Educação não pode ser unicamente a transmissão de informações a partir do conhecimento do/a professor/a. Os/As educandos/as devem refletir sobre suas ações, condições e situações, o que ajuda na transformação de si e de seus panoramas sociais.

A hermenêutica de Paulo Freire abarca, ainda, a contextualização do conhecimento, uma vez que a interpretação da realidade política, social e cultural dos indivíduos constitui fundamento essencial desse processo. Nesse sentido, ética e política integram-se ao mesmo contexto educacional, pois a Educação constitui uma prática profundamente política. Assim, o ato de educar revela-se como uma ação ético-política, orientada à promoção da justiça social e à emancipação das pessoas oprimidas e excluídas.

Outro teórico que contribuiu para o pensamento filosófico educacional da Modernidade Sólida foi Georg Wilhelm Friedrich Hegel. De acordo com Cunha (2008, p. 69-70), “desenvolveu uma concepção do real como razão e como história, reelaborou a visão da dialética e interpretou a autoconsciência filosófica como ponto culminante da história do mundo, como o momento em que ela se torna autotransparente, se compreende conceitualmente e, portanto, se conclui”.

Hegel via a Educação como um processo dialético que, talvez, nesse prisma, tenha influenciado Paulo Freire, posto que assegura ao diálogo um espaço privilegiado no ensino. Como temos procurado demonstrar, na Modernidade Líquida, os indivíduos têm se tornado menos sociáveis, mais individualistas; a tela do celular parece ser, em muitos casos, os únicos amigos e amigas. Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida* (1999), adverte para a

inadequada utilização da tecnologia e os males que provoca. Em países que levam a Educação a sério, está havendo o banimento dos celulares e equipamentos eletrônicos nas salas de aula. Parecem estar descobrindo que os equipamentos eletrônicos quebram a linha tênue entre Educação e lazer. Os jogos, as redes sociais tiram o foco do aprendizado.

Hegel parece defender a ideia de que os estudantes progridem de uma compreensão inicial e elementar da realidade, aprimorando-se progressivamente em suas percepções. Nesse processo, adquirem tanto liberdade quanto autoconhecimento. Na lógica pedagógica de Hegel, o/a educando/a inicia seu percurso aprendendo os ensinamentos mais simples e básicos; à medida que os domina e os interioriza, avança para conhecimentos mais aprofundados e complexos. Nesse enredo, Paulo Freire rejeita a noção de que a Educação seja neutra, afirmando que todo processo educativo está intrinsecamente ligado a relações de poder, além de estar inserido em contextos sociais e políticos.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) debate que a Educação sempre atende a um determinado interesse, seja no sentido de perpetuar a opressão, seja no sentido de libertar as pessoas da opressão. Freire acredita que a Educação bancária trata o/a educando/a como receptores/as passivos/as e, por isso, funciona como meio de dominação. Ao utilizar o método da transmissão unilateral, desconsidera a experiência e o conhecimento prévios. Em uma possível aproximação com Hegel, no aspecto da liberdade, Freire depreende que o conhecimento liberta o indivíduo de suas limitações.

Uma educação libertadora promove a conscientização e a transformação social, atuando para libertar os indivíduos das condições de opressão. Assim como Paulo Freire critica a Educação bancária por sua abordagem opaca e mecânica, Hegel também criticava os métodos de ensino baseados na memorização, demonstrando uma postura favorável a uma Educação que estimule o raciocínio crítico e possibilite uma reflexão mais aperfeiçoada acerca do conhecimento adquirido. Dessa forma, podemos concluir que Hegel valorizava uma abordagem pedagógica que favorecesse o desenvolvimento do pensamento crítico e a compreensão esmiuçada do saber.

Na *Modernidade Sólida*, também temos Friedrich Schiller, que foi poeta, dramaturgo, filósofo e historiador. Seu pensamento aludia que “o homem é concebido enquanto organismo vivo em constante transformação no seu compromisso político” (Cunha, 2008, p. 70). Se compreendemos bem, em termos de Educação, para Schiller, a estética assume centralidade, porque forma educandos/as mais completos em relação à sensibilidade e à moralidade. Freire também valoriza a estética, que carinhosamente chamava de boniteza: “esta dimensão, boniteza, faz parte para Paulo Freire, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer,

amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade” (Redin, 2008, p. 83). A vida, para Paulo Freire, tem um forte senso de esperança, no viés de que “há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo” (Redin, 2008, p. 83). Desse modo, “pensar e ensinar exige estética e ética sem os quais incidiremos em uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (Redin, 2008, p. 83).

Em *Pedagogia da autonomia* (Freire, 2011, p. 32-33), Freire reinterpreta o valor da ética e da estética:

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita a distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza.

As ideias de Karl Marx influenciaram milhões de pessoas. Seu pensamento e ideologia ainda hoje são discutidos com fervor, mesmo depois de tanto tempo da publicação de suas obras. Talvez poucos autores foram tão discutidos nos séculos XX e XXI como Marx. Para Cunha (2008, p. 71),

O pensamento marxista elaborou um modelo teórico e prático de educação. Nesse sentido, os aspectos específicos da pedagogia marxista podem ser indicados da seguinte forma: 1) uma conjugação dialética entre educação e sociedade, segundo a qual todo tipo de ideal formativo e de prática educativa implica valores e interesses ideológicos, ligados à estrutura econômica-política da sociedade que os exprime e aos objetivos práticos das classes que a governam; 2) um vínculo, muito estreito, entre educação e política, tanto em nível de interpretação das várias doutrinas pedagógicas, quanto em relação às estratégias educativas voltadas para o futuro, que recorrem (devem recorrer) explícita e organicamente à ação política, à práxis revolucionária; 3) a centralidade do trabalho na formação do homem e o papel prioritário que ele vem assumir no interior de uma escola caracterizada por finalidades socialistas; 4) o valor de uma formação integralmente humana de todo homem, que recorre explicitamente à teorização marxista do homem “multilateral”, libertado de condições, inclusive culturais, de submissão e de alienação; 5) a oposição, quase sempre decisivamente frontal, a toda forma de espontaneísmo e de naturalismo ingênuo, dando ênfase, pelo contrário, à disciplina e ao esforço, ao papel de “conformação” que é próprio de toda educação eficaz.

Entre essas óticas, é importante reconhecer que a teoria marxista busca compreender a Educação como um instrumento de transformação social, articulando valores ideológicos e interesses de classe, enquanto a realidade brasileira desvela uma estrutura educativa marcada por desigualdades e exclusões que reforçam as desigualdades sociais existentes.

A educação no Brasil, de modo geral, é marcada pela dualidade e pela exclusão de determinadas parcelas da população, pela fragmentação da escola, o que estabeleceu

caminhos diferentes para os indivíduos de acordo com sua classe social – situação que ainda se segue até os dias atuais (Tardivo; Santos, 2022, p. 81).

Nesse trecho, evidencia-se uma clara divisão de classes no âmbito da Educação. Ao passo alguns estudantes têm acesso a uma formação elementar e básica, outros dispõem de uma Educação de qualidade, com uma formação integral, que lhes proporciona melhores oportunidades de emprego e, conseqüentemente, uma vida mais próspera. Por outro lado, os estudantes que recebem apenas o Ensino Fundamental frequentemente enfrentam uma vida de privações, sofrimentos e necessidades, muitas vezes não atendidas pelo Estado, que é um dos principais responsáveis por atender às reivindicações das populações empobrecidas e excluídas, as quais possuem maior urgência de ações governamentais eficazes.

Como é de conhecimento geral, o Brasil e outros países da América Latina iniciaram seu processo de industrialização com considerável atraso em relação aos países europeus. Essa defasagem teve um impacto profundo no desenvolvimento econômico e social da região, em conformidade com Hobsbawm (1997). Essa diferença temporal contribuiu para desigualdades estruturais que ainda hoje influenciam as dinâmicas de crescimento e desenvolvimento na América Latina.

A industrialização na América Latina, tristemente, caracterizou-se pela dependência de capitais estrangeiros e pela importação de tecnologias de outros países, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos. Dessa maneira, mesmo com um processo de industrialização relativamente tardio, a região não conseguiu sanar os problemas de desigualdade social e econômica; pelo contrário, em alguns casos, esse processo acabou por agravá-los.

Tanto isso é verdade que, segundo Tardivo e Santos (2022, p. 81),

O índice de analfabetismo era muito alto na primeira metade do século XX e foi nesse período que se iniciou, no Brasil, uma mobilização de educadores que defendiam a fixação do homem no campo através da escolarização, como um antídoto contra o forte movimento migratório impulsionado pelo desenvolvimento do capitalismo no campo e a incipiente industrialização urbana.

Essa mobilização dos/as educadores/as refletia uma preocupação central em promover a inclusão social e o desenvolvimento regional, buscando oferecer oportunidades de aprendizado e qualificação aos moradores do meio rural. Ao priorizar a escolarização no campo, buscava-se combater o analfabetismo e fortalecer as comunidades rurais diante das transformações econômicas e sociais que estavam em curso. Dessa forma, a educação passou a ser vista como uma ferramenta fundamental para promover a permanência no território e reduzir as disparidades entre áreas urbanas e rurais.

3.2 Modernidade líquida e Educação

Na Modernidade Líquida, a Educação enfrenta, além dos problemas herdados da Modernidade Sólida, desafios adicionais relacionados à desigualdade social, ao desemprego dos pais e das mães dos estudantes, à marginalidade, ao preconceito contra refugiados e imigrantes, ademais de questões globais como violência, terrorismo, guerras, vício em redes sociais e drogas. Esses problemas sociais, políticos e econômicos representam obstáculos complexos que demandam novas abordagens e soluções.

Outro elemento que prejudicou muito a Educação da atualidade foi o excesso de informação. A tecnologia, apesar de criar vários novos empregos, acabou por extinguir vários outros e colaborando para muitas migrações forçadas. Na Modernidade Sólida, a crença era que a informação e o conhecimento e suas potencialidades salvariam o mundo, tornando-o mais civilizado. Lamentavelmente, não o salvou muito, pelo contrário, tornou-o muito mais confuso e caótico, com muito mais concentração de renda, mais desemprego e mais sofrimento para os mais pobres excluídos.

O ser humano acreditou que o cientificismo e a racionalidade seriam capazes de nos salvar, permitindo a construção de uma sociedade mais justa e humana, e que esses esforços representariam o fim de todos os males que afligem a humanidade. Contudo, até os dias atuais, a desigualdade persiste como uma sombra que assombra a maioria das nações. Além disso, políticas que restringem os direitos dos trabalhadores e aumentam os índices de pobreza têm se tornado mais frequentes. Somam-se a esses fatores os avanços tecnológicos, especialmente no campo da automação, que vêm reduzindo o número de funcionários em muitas fábricas. Como consequência, diversas famílias se veem obrigadas a migrar para regiões onde sua força de trabalho ainda é demandada, gerando um grave problema social: o deslocamento de populações, muitas das quais se tornam refugiadas.

No contexto das transformações sociais e ambientais, realçamos a discussão presente na obra *Modernidade Líquida* (1999), de Zygmunt Bauman, na qual aborda a emergência dos refugiados climáticos. Há algumas décadas, a ideia de populações deslocadas devido a desastres ambientais era inimaginável; hoje, secas prolongadas, furacões, vendavais e enchentes representam uma realidade cada vez mais frequente, refletindo as graves mudanças climáticas globais. Lamentavelmente, esses fenômenos têm cobrado um preço altíssimo de toda a população mundial, ameaçando a estabilidade das sociedades atuais e comprometendo o bem-estar das gerações futuras.

Bauman nos alerta acerca do comportamento e das atitudes humanas, sobrelevando como esses aspectos podem ser prejudiciais ao nosso próprio planeta. Ele demonstra de que maneira o ser humano pode ser destrutivo tanto em relação ao seu semelhante quanto ao meio ambiente, deixando um legado de exemplos que os/as futuros/as educandos/as poderão refletir. Dessa forma, questionamos: quais percepções esses/as estudantes terão deste período tão conturbado, a que Bauman se refere como Modernidade Líquida, e se compreenderão as razões por trás da estupidez humana?

Na Modernidade Líquida, Bauman descreve um mundo caracterizado por maior egoísmo, individualismo, consumismo e competitividade, o que resulta no abandono de grande parte da população mundial, muitas vezes sem um rumo definido a seguir. Nessa direção, indagamos – conseguiremos superar a crise da Modernidade Líquida de forma pacífica e sustentável? Infelizmente, ao estudar a obra de Bauman, parece-nos que há uma tendência à radicalização dessas características, o que poderia ser terrível para o futuro, bem como para o campo da educação.

Bauman denominou Modernidade Líquida para expressar sua discordância em relação ao término da modernidade. Ele entende que esse período não chegou ao seu fim, mas passou por uma radicalização, tornando-se extremamente complexo e assustadoramente acelerado devido à velocidade das mudanças. Nesse quadro, somos tanto responsáveis quanto vítimas desse processo de transformação.

A Educação, na compreensão de Paulo Freire, é uma conscientização dos indivíduos para a superação dos problemas sociais e econômicos que oprimem os indivíduos na contemporaneidade e, também, historicamente, por conta de um sistema socioeconômico de exploração, de dominação, que suga a vida e acaba com a existência digna das pessoas. A Educação, na Modernidade Líquida, provavelmente terá que desenvolver a capacidade de cooperação, de solidariedade, para superar o individualismo e o egoísmo e, nesse caminho, também, produzir uma ciência de caráter humanista.

4 POSSIBILIDADE DE EDUCAÇÃO PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

A Educação, enquanto processo fundamental para o desenvolvimento humano, precisa ser pensada de forma inovadora e adaptável às transformações constantes da sociedade. Para garantir que as futuras gerações estejam preparadas para os desafios do mundo contemporâneo, é essencial repensarmos os métodos de aprendizagem, promovendo experiências que estimulem a autonomia, a criatividade e a reflexão crítica. Nesse prisma, compreendermos que a aprendizagem é um processo contínuo e ativo é fundamental para construirmos um sistema educacional mais inclusivo e eficaz.

Aprendemos ativamente desde que nascemos e ao longo da vida, em processos de design aberto, enfrentando desafios complexos, combinando trilhas flexíveis e semiestruturadas, em todos os campos (pessoal, profissional, social) que ampliam nossa percepção, conhecimento e competências para escolhas mais libertadoras e realizadoras. A vida é um processo de aprendizagem ativa, de enfrentamentos de desafios cada vez mais complexos (Bacich; Moran, 2018, p. 37).

Uma das possibilidades de uma Educação eficiente para o futuro das gerações provavelmente passará pelas metodologias ativas, que são vistas cada vez mais como necessárias para a promoção de um ensino dinâmico e eficiente. Entretanto é difícil elaborar uma solução a curto prazo em uma sociedade tão complexa e de caráter global como a que temos. Porém, não podemos, a partir do que nos colocam Bauman e Freire, desconsiderar a necessidade de uma Educação que seja humanista, dialógica e da solidariedade, como necessária para o futuro. Pode ser possível a ocorrência de sensibilização e, quiçá, a conscientização das pessoas através do ensino, pelas vias de uma formação integral, dialógica e da solidariedade. Também pode acontecer uma radicalização dos conflitos e uma individualização, aumento do consumismo e das desigualdades sociais provocadas pelas tecnologias. Essas manifestações da precarização da vida, do mundo, dos sentidos, podem descartar um número ainda maior de pessoas.

O texto *44 Carta do Mundo Líquido*, de Zygmunt Bauman, deixa bem claro que a Educação é uma segunda frente que dificilmente é meta que será alcançada com facilidade. Nos próximos subtítulos serão desenvolvidos os temas relacionados com as concepções de Educação que podem permanecer e as perspectivas educativas-pedagógicas que se delineiam na Modernidade Líquida.

Em relação às concepções que devem permanecer está a formação integral para o desenvolvimento de uma Educação voltada ao diálogo, à solidariedade, ao respeito, à

compreensão e à dignidade humana com um/a educando/a que tenha um ensino voltado à compreensão da importância da coletividade na construção de uma Educação mais humana e solidária com o desenvolvimento, não somente da intelectualidade, mas também humanístico. Quanto às perspectivas educativas-pedagógicas que se delineiam na Modernidade Líquida, com certeza, está o protagonismo estudantil com um ensino transformador e com um desenvolvimento integral, não somente cognitivo, como sociopolítico.

Em ambos os cenários, a tecnologia expandirá seu campo de atuação; contudo, por não ser uma ferramenta neutra, consoante Bauman, apenas uma parcela restrita da população terá acesso a ela. Dessa forma, a desigualdade socioeconômica se ampliará, tornando muitos indivíduos descartáveis para o mercado de trabalho e elevando significativamente os níveis de criminalidade. Tal dinâmica poderá compelir os governos a reforçar o controle social sobre as populações.

Quanto à informação no mundo líquido atual, por ser uma sociedade cada vez mais líquida, a informação tornou-se abundantemente disponível, ao contrário de tempos passados. No entanto, essa abundância carece de compromisso com a veracidade, haja vista que o público é mais vulnerável à disseminação de falsas informações e isso dificulta a formação de opiniões fundamentadas e precisas acerca dos fatos e acontecimentos. Essa realidade contribui para o enfraquecimento do conhecimento, sobretudo face a indivíduos que, por oportunismo, aproveitam-se da ingenuidade de muitos, promovendo a desinformação e a fragilização do entendimento coletivo.

A Educação do presente e do futuro deve ser pautada em fontes seguras, baseadas em um senso crítico, para evitar que oportunistas manipulem a informação em proveito próprio, prejudicando milhões. A intenção de Bauman, nesta obra, foi separar o que é importante nos dias atuais do que é supérfluo ou descartável no mundo líquido moderno. Levando em conta as obras de Bauman e de Freire com as quais trabalhamos nesta dissertação, acreditamos que uma Educação integral, voltada para o desenvolvimento socioemocional, com o desenvolvimento de um senso crítico, com uma mente aberta às novas tecnologias, sem perder de vista o bom senso, deve ser a Educação mais adequada ao panorama atual.

Pensamos que a Educação do futuro, ou para as futuras gerações, precisa ter o objetivo de formar um ser humano solidário, consciente e sensível às causas atuais que afligem tanto a sua comunidade como o mundo que atualmente é globalizado e interligado pela tecnologia e, não só isso, também comandado por ela. Não podemos nos esquecer de que o mundo líquido moderno também trouxe muitas novidades como a IA, a automação, entre outros avanços que, de certa maneira, impactarão a Educação do futuro.

Embora reconheçamos os avanços tecnológicos, é primordial recordarmos que a responsabilidade pelo desenvolvimento dessas inovações permanece, sobretudo, nas mãos do ser humano. Em consonância com Riboli (2019, p. 16), “o sujeito, o qual passa a ser o único responsável pelas conquistas e pelos próprios fracassos enquanto ser humano”. Por mais que almejemos que, no futuro, a tecnologia domine todos os setores e aspectos da vida humana, a realidade é que o controle permanece, inequivocamente, nas mãos do homem. Desde sempre, o ser humano é quem regula e determina o uso e as consequências das criações tecnológicas, e essa dinâmica, infelizmente ou talvez inevitavelmente, continuará a ser assim.

4.1 Quais concepções de Educação podem permanecer?

A formação integral, provavelmente o que temos de mais próximo àquilo que comumente se denomina de boa Educação, pode ser o caminho no sentido de construir valores de diálogo, solidariedade, respeito, compreensões sobre qualidade de vida, dignidade humana, compromisso com a vida e a coletividade. Uma Educação de ampla visão e compreensão da realidade, dos contextos e das condições do ser humano, de alguma forma, interfere para melhorar não somente a individualidade, mas a coletividade. Uma Educação que faça com que os/as estudantes tenham um desenvolvimento cognitivo, científico e humanista com condições de promover e sustentar suas escolhas, atitudes e compreensões.

4.1.1 Perspectivas Educativas-Pedagógicas que se delineiam na Modernidade Líquida

Nas perspectivas educativo-pedagógicas, o protagonismo estudantil pode proporcionar oportunidades de interação social e um ambiente de aprendizagem, uma Educação transformadora na qual os/as estudantes possam ter um desenvolvimento integral, não somente em seus aspectos cognitivos e científicos, porém das relações, da participação e do envolvimento sociopolítico. Para Henry Giroux (2011), às juventudes, nesta era da dispensabilidade, são vistas, cada vez mais, como mais um encargo social. Não estão, efetivamente, incluídos nos discursos a respeito da promessa de um futuro melhor. No mundo que compartilhamos, são considerados parte de uma população dispensável, cuja presença ameaça evocar memórias coletivas reprimidas da responsabilidade dos adultos

O que salva as juventudes da dispensabilidade total – embora por pouco – e lhes garante certo grau de atenção dos adultos é surreal e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de

consumo. O pensamento neo/ultraliberal, ao pensar na juventude, presta atenção a ela como um novo mercado a ser explorado. É essa a denúncia de Bauman (2013, p. 32-33), ao ver que,

Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares, as instituições empresariais buscam imergir os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado. Um estudo recente, orientado pela Kaiser Family Foundation, descobriu que jovens dos oito aos dezoito anos gastam agora mais de sete horas e meia por dia com smartphones, computadores, televisores e outros instrumentos eletrônicos, em comparação com as menos de seis horas e meia de cinco anos atrás.

Quando se acrescenta o tempo adicional que os jovens passam postando textos, falando em seus celulares ou realizando múltiplas tarefas, tais como ver TV enquanto atualizam o Facebook, o número sobe para um total de onze horas de conteúdo de mídia por dia.

O que inferimos, em Bauman, é que uma das poucas utilidades atribuídas às juventudes, de modo geral, reside na sua capacidade de atuar como potenciais consumidoras. Logo, cabe à Educação promover a formação de consciências críticas e conscientes, sensibilizando as juventudes para a importância do ensino, do pensamento crítico, da compreensão mútua, do diálogo e da solidariedade, além de evitar que sejam reduzidas a mera força de trabalho. É fundamental que a Educação capacite os jovens a perceberem quando e onde o mercado, aliado ao consumo massificado, utiliza a força juvenil apenas como mercadoria, desempenhando, assim, um papel crucial na conscientização sobre essa exploração.

Apenas conhecer os conteúdos das disciplinas, sem utilidade na vida prática, é somente deixar o/a educando/a à mercê da própria sorte, em um oceano líquido voltado para a exploração e o consumo. Em se tratando de Educação no mundo líquido, movimento que se deu na segunda metade do século XX com a globalização, a ascensão das tecnologias digitais e as mudanças nas estruturas sociais e econômicas, Milton Santos (2012) nos ajuda a compreender, a partir de outro campo do conhecimento, a realidade volátil e perigosa dos nossos tempos. Reitera que

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisto um paradoxo pedindo uma explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido (Santos, 2012, p. 17).

Para entendermos esse peculiar período, começaremos dialogando atinente às mudanças culturais que ocorreram a partir do final do século XX, ocorrência de uma revisão dos valores

tradicionais, do que era aceitável e do que era tabu; período em que as gerações mais jovens se sentiram mais livres em relação a questões ligadas à sexualidade, relacionamentos e estilos de vida. Vivências e desejos de liberdade em abandono à segurança dos tempos sólidos (Bauman, 2017).

Quando se trata de emancipação, Bauman (1999, p. 25-26) escreve que

Ao fim das “três décadas gloriosas” que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial – as três décadas de crescimento sem precedentes e de estabelecimento da riqueza e da segurança econômica no próspero Ocidente – Herbert Marcuse reclamava:

Em relação a hoje e à nossa condição, creio que estamos diante de uma situação nova na história, porque temos que ser libertados de uma sociedade rica e poderosa e que funciona relativamente bem... O problema que enfrentamos é a necessidade de nos libertarmos de uma sociedade que desenvolve em grande medida as necessidades materiais e mesmo culturais do homem – uma sociedade que, para usar um slogan, cumpre o que prometeu a uma parte crescente da população. E isso implica que enfrentamos a libertação de uma sociedade na qual a libertação aparentemente não conta com uma base de massas.

Devemos nos emancipar, “libertar-nos da sociedade”, não era problema para Marcuse. O que era um problema – o problema específico para a sociedade que “cumpre o que prometeu” – era a falta de uma “base de massas” para a libertação.

Para simplificar: poucas pessoas desejavam ser libertadas, menos ainda estavam dispostas a agir para isso, e virtualmente ninguém tinha certeza de como a “libertação da sociedade” poderia distinguir-se do estado em que se encontrava.

Zygmunt Bauman cita Herbert Marcuse para demonstrar como é difícil desenvolver nos indivíduos a consciência da libertação quando a maioria se sente acomodada socialmente e economicamente, sendo muito parecido com o que Moreira (2008, p. 186) argumenta:

O processo emancipatório freiriano [que] decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos, contrariamente ao pessimismo e fatalismo autoritário defendidos pela Pós-Modernidade, como aponta o professor Jaime José Zitkoski (2006), e ao mecanicismo etapista do marxismo ortodoxo, que afirma o processo de transformação social como sendo “certo” e “inevitável”.

De certo maneira, tanto Paulo Freire quanto Zygmunt Bauman acreditam que as mudanças sociais precisam partir dos próprios indivíduos que devem vencer as forças da acomodação. Isso também vale para o conhecimento, porque, à medida que os/as educandos/as adquirirem mais conhecimento, compreenderão a necessidade de mudanças na sociedade. A pergunta que permanece, nessa questão, na perspectiva de Bauman, é: as pessoas querem ser livres? E, em relação a Freire: como motivá-las a terem a consciência necessária para se libertarem?

A libertação é uma bênção ou uma maldição? Uma maldição disfarçada de bênção, ou uma bênção temida como maldição? Tais questões assombraram os pensadores durante a maior parte da era moderna, que punha a “libertação” no topo da agenda da reforma política e a “liberdade” no alto da lista de valores – quando ficou suficientemente claro que a liberdade custava a chegar e os que deveriam dela gozar relutavam em dar-lhe as boas-vindas (Bauman, 1999, p. 28).

Nos tempos líquidos, a liberdade é conquistada não somente pela informação, mas também pelo conhecimento. A internet, em nossos tempos, é uma das maiores fontes de informação da história da humanidade e, junto às redes sociais, tem permitido um fluxo contínuo de informações sobre diferentes estilos de vida e de comportamentos. Essa prática torna normais atitudes que eram inconcebíveis ou impróprias para as gerações da Modernidade Sólida. O impacto das tecnologias foi muito além do que imaginávamos: modificou a forma como nos comunicamos, trabalhamos e interagimos, levando-nos à novas perspectivas acerca da nossa privacidade, nosso trabalho e como nos relacionamos. Entretanto, somente a informação não nos traz liberdade e nem nos emancipa enquanto não se transformar em conhecimento.

Em *Modernidade Líquida* (1999), Bauman, provocado por outros/as pensadores/as, questiona-se: as massas querem ser realmente livres e assumirem os riscos e as responsabilidades que acompanham esse tipo de ação? Atinente à libertação das massas, Bauman (1999, p. 28) esclarece que

Houve dois tipos de resposta. A primeira lançava dúvida sobre a prontidão do “povo comum” para a liberdade. Como o escritor norte-americano Herbert Sebastian Agar dizia em *A Time for Greatness*, 1942, “a verdade que torna os homens livres é, na maioria dos casos, a verdade que os homens preferem não ouvir”. A segunda inclinava-se a aceitar que os homens podem não estar inteiramente equivocados quando questionam os benefícios que as liberdades oferecidas podem lhes trazer.

Respostas do primeiro tipo inspiram, intermitente, compaixão pelo “povo” desorientado, enganado e levado a desistir de sua chance de liberdade, ou desprezo e ultraje contra a “massa” que não quer assumir os riscos e responsabilidades que acompanham a autonomia e a autoafirmação genuínas. O protesto de Marcuse, que apresentamos mais acima, envolve uma mistura das duas, além de uma tentativa de deixar na soleira da nova prosperidade a culpa pela reconciliação evidente dos não livres com a falta de liberdade.

Se olharmos com Paulo Freire (1987, p. 42), há uma outra perspectiva, mais otimista, ao distinguirmos que “os seres humanos têm lutado, através dos tempos, contra as forças de dominação e opressão, pois ‘toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou adaptado’”. Na *Modernidade Líquida*, a liberdade foi modificada com uma

crecente valorização da autonomia pessoal como, por exemplo, a liberdade de escolha do estilo de vida, com novas ideias, desenvolvimento de tecnologias etc. No entanto, somente uma minoria pode ter acesso ao mundo de possibilidades; a grande maioria dos indivíduos não está integrada.

O surgimento do mundo líquido moderno, compreendido e debatido por Zygmunt Bauman, também está ligado ao ressurgimento dos movimentos sociais, pelos direitos civis e humanos, movimentos contra o racismo, em favor do feminismo e de gênero como LGBTQIA+ que tem promovido a aceitação de diferentes formas de vida e sexualidade. Também ocorreram mudanças na dinâmica das relações humanas, com o aumento do individualismo, a fragilidade dos vínculos afetivos e a busca constante da satisfação pessoal, dos prazeres, com o ressurgimento de alguma forma de hedonismo.

As mudanças econômicas também tiveram sua parte no surgimento da Modernidade Líquida. As crises econômicas e o aumento das desigualdades sociais e econômicas, novas maneiras de trabalho produziram novos conceitos relacionados ao sucesso profissional e à realização pessoal. Mudanças demográficas, como o envelhecimento da população, as migrações e a diversidade cultural, influenciaram as normas sociais e fomentaram uma reavaliação de valores. Por fim, os desafios ambientais, que aumentam a preocupação com as questões ambientais e as mudanças climáticas, fazem com que muitos reavaliem o consumo, a natureza e o futuro do planeta. É importante observarmos que as mudanças não são, necessariamente, boas ou ruins. Refletem um contexto social em evolução, no qual os valores e normas sociais estão em reavaliação. Portanto, os processos educativos, na Modernidade Líquida, carecem de considerar vários fatores sociais, econômicos, culturais e geopolíticos, diferentes da Modernidade Sólida, especialmente porque tudo está em constante evolução. Talvez uma versão, uma subespécie do darwinismo social, na qual o que se adapta fica para as próximas gerações e o que não se adapta, extingue-se.

Nesses tempos líquidos que compartilhamos, as relações humanas são mais complexas e dinâmicas, cheias de contradições, como um dos temas que Zygmunt Bauman trabalha em *Modernidade Líquida* (1999): a emancipação, como um processo contínuo de luta contra as formas de opressão e de controle social. Nesse ponto, também, há um encontro com Paulo Freire, para quem a opressão e o controle social refletem as injustiças sociais e as relações de poder que ocorrem dentro da sociedade. Para Freire, ocorre opressão quando indivíduos ou grupos sociais têm seus direitos negados, ignorados ou invalidados. A opressão é uma realidade social, política e econômica que impede os/as educandos/as e suas famílias de se tornarem agentes de transformação de suas realidades.

No que concerne ao controle social, utilizado por indivíduos ou grupos sociais dominantes para regular comportamentos e se manter no poder, Paulo Freire afirma que ocorre de várias maneiras: manipulação da Educação e da mídia entre outras instituições sociais, com a intencionalidade de produzir uma ideologia que favoreça a opressão das pessoas. Freire parece defender que, para superar o controle social e a opressão, são necessárias consciência crítica e Educação emancipadora que auxiliem os/as educandos/as a reconhecerem e a questionarem as dinâmicas do poder. Enfatiza a importância do diálogo e da conscientização crítica para a emancipação e a libertação das amarras das classes opressoras que têm, no capital e na busca de lucro, seu único objetivo. Talvez Angicos, no Rio Grande do Norte, seja uma prova de que grupos dominantes não possuem interesse no desenvolvimento da população. Freire foi tratado como criminoso, perigoso, ao promover a libertação do analfabetismo de trabalhadores da região.

A educação deve ser compreendida, necessariamente, como um ato de libertação. Por meio do conhecimento científico e humanista, as populações oprimidas têm a oportunidade de questionar a realidade e o enquadramento social, iniciando processos de luta e transformação. Dessa forma, a Educação se torna um instrumento fundamental para o fortalecimento da emancipação e da justiça social.

Para termos uma educação melhor, cremos ser necessário analisar a sociedade atual sob a perspectiva de Zygmunt Bauman e de Paulo Freire em relação aos cinco conceitos contidos em *Modernidade Líquida* (1999): a emancipação, como presença importante em Freire e Bauman, em oposição às atitudes dos indivíduos de nossos tempos, que optam por abrir mão de seus direitos em troca de reclusões, de vivências isoladas, compreensões e bolhas sociais. Para continuar no debate acerca da emancipação, ela aparece, “na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e a dominação social” (Moreira, 2008, p. 186).

Como podemos perceber, para Bauman, os indivíduos abrem mão de sua liberdade em troca de sua individualidade e autonomia. Mas, na visão de Freire, a liberdade é uma conquista política contra a opressão e a desumanização dos indivíduos. Bauman esclarece o que acontece no mundo líquido moderno, e Freire nos mostra a importância da emancipação e do que ocorre quando os indivíduos abrem mão desse importante direito que é a liberdade.

Quando recorremos ao conceito de liberdade, outro tema relevante, divisamos que os relacionamentos, na atualidade, são vistos como temporários e descartáveis. As juventudes são as maiores vítimas desse tipo de comportamento que causa sofrimento. De algum modo, livres

para escolher, somos escravos de nossas escolhas e mesmo que optemos por não escolher já fizemos uma escolha.

Outro problema sério em relação à adolescência nos tempos líquidos é o acesso à internet, às redes sociais, porque a mídia, normalmente, acaba influenciando os/as jovens a terem uma vida com a falsa sensação de autonomia e de liberdade. Na Modernidade Sólida, não havia um acesso tão amplo à informação. Portanto, não existia um questionamento tão forte das instituições sociais e da autoridade do/a educador/a. As constantes mudanças no mundo líquido moderno e suas incertezas podem dificultar a capacidade dos indivíduos de se emancipar, embora haja uma aparente liberdade, a falta de uma estrutura pode levar ao descontrole sobre a própria vida.

A tecnologia pode desempenhar um papel ambivalente na emancipação dos indivíduos porque, ao mesmo tempo que oferece mais possibilidade de conexões e de autoexpressão para os indivíduos, manifestando seus pensamentos, vontades, sentimentos e opiniões por meio de palavras nas redes sociais, gestos, pode criar novas maneiras de dependência e controle, como o vício nas redes sociais. A emancipação, na Modernidade Líquida, é uma experiência complexa e ambivalente, marcada pela liberdade e pelas incertezas de um ambiente fluido e instável.

Nesse caminho, o mundo líquido moderno pode expressar possibilidades, contudo, também produzir armadilhas. Os tempos líquidos modernos se caracterizam pelo individualismo, tanto presente nas sociedades dos tempos que compartilhamos quanto entre as juventudes que acreditam que o sucesso e a satisfação individual são as únicas formas de ser feliz. Mudanças abruptas na sociedade e na economia deixam educandos/as desorientados/as em relação ao futuro e ao próprio presente. O individualismo faz com que as pessoas se tornem egoístas e compreendam os relacionamentos como superficiais, descartáveis e efêmeros, vividos com interações rápidas. Nessa compreensão, Bauman acredita que a humanidade nunca teve tanto poder de escolha; em compensação, nunca as pessoas sofreram tanto com as pressões sociais, econômicas e pessoais e com a ansiedade causadas por suas escolhas.

É interessante notarmos que, no mundo líquido contemporâneo, a percepção do tempo e do espaço difere daquela presente na sociedade sólida do passado. Isso se manifesta, por exemplo, através das elevadas exigências do mercado de trabalho, que transmitem a impressão de que não há tempo suficiente para cumprir todas as tarefas, tal como pela escassez de momentos de lazer em família. Somos frequentemente levados a priorizar metas imposta, deixando de lado a consideração do tempo em si.

A velocidade das transformações e a busca incessante por produtividade têm levado muitos indivíduos ao limite da exaustão. Somos constantemente pressionados a entregar o nosso melhor, muitas vezes em detrimento do tempo dedicado à família e aos relacionamentos sociais. Nesse âmbito, a globalização altera profundamente a percepção de tempo, espaço e fronteiras, tudo em nome do lucro e da prosperidade. Por outro lado, essa dinâmica tem causado a perda de elementos essenciais, como a estabilidade, o convívio com amigos e familiares. Até que ponto esse estilo de vida moderno é saudável para a população como um todo ainda não está completamente claro, e as possíveis consequências dessa existência na modernidade líquida permanecem incertas.

Outro aspecto relevante da Modernidade Líquida é a fragmentação social decorrente das desigualdades econômicas, que aprofundam o abismo entre ricos e pobres e favorecem a formação de grupos sociais e econômicos distintos. Essa situação dificulta a interação entre os indivíduos e representa uma preocupação significativa no contexto educacional, uma vez que as pessoas podem sentir-se excluídas em função de sua condição social ou econômica.

Às vezes, em certas situações e pela falta de empatia, ou mesmo, compreensão de diferentes realidades, os/as educandos/as podem entrar em conflito com educandos/as de realidades diferentes, seja pelo *bullying* ou até mesmo pela agressão física. Sob a perspectiva positiva, a diversidade cultural e étnica é um fator positivo quando existe respeito e harmonia, todavia, quando ocorre a falta desses elementos, podem resultar tensões e a criação de subgrupos que não se comunicam e não se relacionam entre si, originando um ambiente hostil para ambos os grupos. Bauman cita como exemplo, em sua obra *Modernidade Líquida* (1999), a hostilidade em relação aos imigrantes ilegais em vários países onde muitos são obrigados a aceitarem subempregos para poderem sobreviver.

A intolerância religiosa constitui um fator de desagregação social, posto que a falta de respeito pelas práticas religiosas alheias resulta em desconforto e fomenta conflitos sociais. Quando indivíduos afirmam que suas práticas religiosas são as mais corretas, desconsiderando as opiniões de terceiros, estabelecem-se formas de desunião social que frequentemente resultam em diversos conflitos ao redor do mundo.

5 CONCLUSÃO

A presente dissertação partiu da inquietação sobre os impactos da Modernidade Líquida, conceito-chave desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman, sobre a Educação, seus processos e seus sujeitos. A partir da pergunta norteadora “como os/as professores/as ensinarão as novas gerações repletas de imediatismos, movimentos, liquidez e vivendo em estruturas sociais diferentes, com valores sociais diferentes, com problemas completamente diferentes de seus antepassados?”, buscamos compreender os desafios e as potencialidades de uma práxis educativa inserida em uma sociedade caracterizada por incertezas, fragilidade institucional e vínculos efêmeros.

A construção teórica se fundamentou no diálogo entre Bauman e Paulo Freire, autores que, embora partam de contextos distintos, convergem em suas preocupações com a desumanização das relações sociais e a urgência da construção de sujeitos éticos, críticos e engajados. Bauman oferece a lente do diagnóstico sociológico; Freire, a proposta pedagógica e a esperança transformadora.

Ao longo do trabalho, dividimos a investigação em eixos que permitiram uma compreensão gradual e contextualizada do tema. Inicialmente, abordamos o surgimento e as características da Modernidade Líquida, identificando seus desdobramentos nas esferas da subjetividade, da política, do consumo e, sobretudo, da Educação. Ficou evidente que a liquidez, nesse contexto, implica a perda de referenciais sólidos, o que afeta diretamente a estabilidade dos projetos educacionais, a permanência dos vínculos entre educadores e educandos, e o próprio sentido de ensinar e aprender.

Em seguida, aprofundamos os efeitos dessa liquidez sobre a escola como instituição social. A escola, que historicamente serviu como espaço de socialização, cidadania e promoção de igualdade, hoje se vê tensionada por exigências de mercado, por processos de padronização e por uma crescente desvalorização simbólica. Os sujeitos escolares – professores/as, alunos/as e gestores/as – são pressionados a performar, adaptar-se rapidamente e competir, em detrimento da reflexão, da escuta e da construção coletiva do conhecimento.

Nesse cenário, o legado de Paulo Freire se apresenta como uma bússola ética e metodológica. Sua pedagogia, centrada no diálogo, na escuta ativa, na amorosidade e na conscientização, resgata a dimensão humana da Educação. Freire nos convida a olhar para o/a educando/a como um ser inacabado, em constante processo de construção, e para a escola como um espaço de encontro, de partilha e de resistência frente às forças desumanizantes do mundo

contemporâneo. Ele nos ensina que educar é um ato político e que toda pedagogia é, no fundo, uma escolha ética: ou se educa para a libertação, ou se reproduz a opressão.

A partir disso, a dissertação apontou a necessidade urgente de repensar os modelos educacionais vigentes. A Educação do futuro não pode ser pensada com as mesmas ferramentas do passado. É preciso construir novas metodologias, rever as finalidades da escola, valorizar as experiências subjetivas dos/as educandos/as e dos/as educadores/as, e integrar saberes diversos – da ciência à espiritualidade, da técnica à sensibilidade. Mais do que transmitir conteúdos, a escola precisa ajudar a construir sentido, fortalecer vínculos e criar espaços de pertencimento.

Nesse sentido, não se trata de negar a liquidez dos tempos, mas de enfrentá-la com consciência e intencionalidade. Como educadores/as, devemos aceitar que estamos em um mundo em constante mudança, porém isso não significa abandonar os valores que sustentam uma Educação comprometida com a dignidade humana, a justiça social e a formação integral. O desafio está em equilibrar fluidez e profundidade, velocidade e reflexão, inovação e tradição.

A partir dessa reflexão, destacamos alguns caminhos possíveis para uma Educação mais alinhada com os desafios da contemporaneidade: Educação como ato de presença – é necessário resgatar o valor do encontro, do tempo qualitativo e da escuta verdadeira. Em um mundo de interações mediadas por telas e algoritmos, estar presente de forma inteira e significativa torna-se um ato revolucionário; formação docente contínua e humanizadora – o/a professor/a precisa ser acolhido/a, valorizado/a e constantemente formado não apenas em conteúdo, também em aspectos emocionais, espirituais e éticos. Integração entre saberes e valorização da experiência – a escola precisa romper com a fragmentação do conhecimento, acolher os saberes locais, as culturas diversas e as vivências dos estudantes, favorecendo uma aprendizagem significativa e contextualizada.; abertura à espiritualidade e à subjetividade – ainda que a escola seja um espaço laico, não deve negar a dimensão espiritual do ser humano. A escuta sensível, a meditação, o cuidado com o corpo e o cultivo de valores como compaixão, gratidão e empatia podem ser integrados ao cotidiano escolar; e Educação para o agir ético e a cidadania global – diante dos desafios globais, como as mudanças climáticas, as desigualdades sociais e os conflitos culturais, o ensino carece de preparar sujeitos críticos, empáticos e conscientes do seu papel como agentes de transformação.

Entretanto, é necessário reconhecer que há limites concretos para as possibilidades de transformação por meio da Educação. Embora o sonho de uma escola humanizadora, crítica e acolhedora nos mova, não podemos desconsiderar os condicionantes estruturais que a cercam. A escola, por si só, não tem força suficiente para enfrentar as grandes contradições do sistema social no qual está inserida. Ela não possui, sozinha, o poder de combater as desigualdades

históricas, os processos de exclusão, a precarização da vida e as múltiplas violências que atravessam seus muros. O espaço escolar carrega esperanças, contudo leva sobre si uma carga muitas vezes desproporcional de expectativas.

Sonhar com uma Educação transformadora é fundamental, todavia esse sonho deve estar ancorado na realidade. A atuação da escola depende de políticas públicas coerentes, de investimentos estruturais, da valorização do trabalho docente e do comprometimento coletivo da sociedade. Sem isso, corre o risco de tornar-se somente uma ilha de resistência em meio a um oceano de adversidades. Necessitamos, portanto, reconhecer que a mudança exige uma articulação ampla entre diferentes esferas – família, comunidade, Estado e sociedade civil – para que, de fato, a Educação possa cumprir sua função emancipadora. O idealismo pedagógico precisa caminhar de mãos dadas com a lucidez política.

Por fim, esta dissertação não se encerra em si. Pelo contrário, abre brechas e provoca inquietações. Os tempos líquidos exigem de nós um ensino em constante reinvenção. Nesse fluxo, nossa missão como educadores/as é resistir à superficialidade e cultivar profundidade. É persistir no diálogo, mesmo quando tudo nos empurra para a indiferença. É continuar acreditando, como Freire, que “a Educação não transforma o mundo. A Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Que possamos, então, honrar a potência da Educação como espaço de resgate da humanidade, de reconstrução do tecido social e de semeadura de um futuro mais justo, solidário e amoroso.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio De Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **O retorno do pêndulo**: Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BAUMAN, Z. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio De Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Z.; BORDONI, C. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- BAUMAN, Z.; LEONCINI, T. **Nascidos em Tempos Líquidos**. Tradução: Joana Angélica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOMBASSARO, L. C. Hermenêutica. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 256-257.
- BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S. de; SILVA, B. A. da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da FUCAMP**, Monte Carmelo, v. 20, n. 44, p.1-15, 2021.

CASSOL, C. V. Ambivalência, educação e solidariedade em diálogo: caminhos de formação para a pluralidade. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 68, p. 307-319, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12957/teias.2022.60595>.

CASSOL, C. V. Ambivalência, solidariedade e educação: entre o indivíduo e o social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, p. e250001, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019250001>.

CASSOL, C. V.; MOLL, J. Educação e projeto de sociedade: disputas em torno do Ensino Médio no atual contexto brasileiro. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa, v. 13, n. 2, p. 1-19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i2.16876>.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CUNHA, J. L. da. **História da Educação, 1º semestre**. Santa Maria: UFSM, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18285/Curso_Lic-Peg_Historia-educacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 jul. 2024.

DALLA VECHIA, A. M. Afetividade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 41-42.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DUSSEL, E. **1492: O encobrimento do outro - a origem do mito da modernidade**, conferências de Frankfurt. Petrópolis: Vozes, 1993.

DUSSEL, E. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FONTANA, F. **Técnicas de pesquisa**. In: MAZUCATO, T. (org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis, SP: FUNEPE, 2018. p. 59-78.

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, H. A. **On critical pedagogy**. New Zealand: A&C Black, 2011.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: Europa 1789-1848**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KIELING, J. F. Alienação. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 49.

KRONBAUER, L. G. Ação-Reflexão. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 37-38.

MACHADO, R. de C. de F. Autonomia. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 74.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações trabalhos científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MOREIRA, C. E. Emancipação. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 186-187.

REDIN, E. Boniteza. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 83-85.

RIBOLI, C. **A judicialização do direito à educação ingantil no estado do Rio Grande do Sul**. 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2019.

SANTOS, B. de S. **Fórum Social Mundial: Manual de Uso**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 22. ed. Rio De Janeiro: Editora Record, 2012.

SCOCUGLIA, A. C. Modernidade/pós-modernidade. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 334-335.

STEIN, E. Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em Filosofia. **Síntese Revista de Filosofia**, [s. l.], v. 10, n. 29, p. 21-48, 1983.

STRECK, D. R. **Pesquisa (ação) participante e convergências disciplinares**. Porto Alegre: Civitas, 2008.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TARDIVO, P.; SANTOS, M. C. dos. Políticas educacionais para a educação do campo: a participação do Estado e dos Movimentos Sociais. *In*: NETO, L. B.; OLIVEIRA, E. R. de. (orgs.). **Marxismo e Educação**: contribuições para a discussão sobre o papel do Estado numa concepção marxiana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 81-94.

VILLAVERDE, A. R. R. *et al.* Tipos de pesquisa quanto a sua natureza. *In*: ROBAINA, J. V. L. *et al.* (org.). **Fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação em ciências**. Curitiba: Editora BAGAI, 2021. p. 40-45.